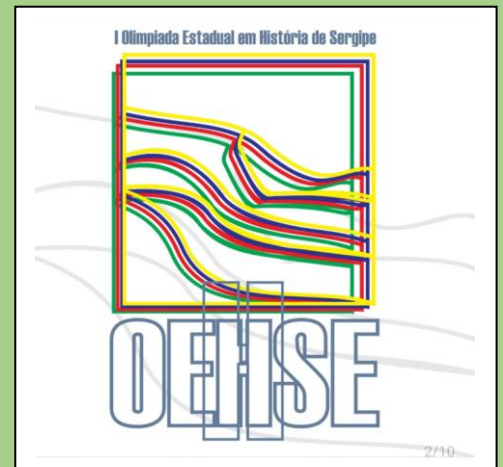




CADERNO DE ATIVIDADES BASEADO NAS QUESTÕES DA OEHS

Adinagruber da Conceição Lima
Mestranda PROFHISTÓRIA/UFS
Fevereiro de 2025

Prezado(a) Professor(a),

É com grande satisfação que apresentamos o Caderno de Questões da 1ª Olimpíada Estadual de História de Sergipe (OEHSE). Ele foi desenvolvido no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com apoio da Fundação de Apoio a Pesquisa e Inovação Tecnológica de Sergipe (FAPITEC), e visa apoiar o trabalho dos docentes sergipanos no fortalecimento de uma prática de ensino crítica, contextualizada e comprometida com as diretrizes da Educação Básica, a partir da história local.

A proposta do Caderno é demonstrar o potencial de ensino-aprendizagem ativo presente em cada questão da Olimpíada, oferecendo ao professor novas possibilidades de uso pedagógico. Assim, as atividades foram pensadas para favorecer um estudo contextualizado da História, em sintonia com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Sergipe.

O conteúdo dele atende às exigências das principais legislações educacionais brasileiras, como a Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e a Lei 11.645/2008, que inclui a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura dos Povos Indígenas no Brasil.

Cada atividade busca dar visibilidade a sujeitos históricos fundamentais — povos originários, populações negras, mulheres, povos e comunidades tradicionais, promovendo uma formação cidadã, ética, plural e inclusiva, conforme preconiza a educação nacional.

O Caderno também se apresenta como um instrumento de revisão e consolidação de conhecimentos, estimulando habilidades essenciais como: a pesquisa e a análise crítica; leitura e interpretação de imagens e documentos históricos; produção de argumentos a partir de diferentes fontes. Além disso, ao abordar a história local, em diálogo com a história nacional, as atividades se propõem a estimular o sentimento de pertença e valorizar a identidade cultural sergipana.

Aproveitamos para registrar nosso agradecimento aos professores e estudantes que participaram da 1ª OEHSE e tornaram essa olimpíada possível, bem como agradecemos de especial modo aos professores que se dispuseram a realizar os comentários das questões, enriquecendo ainda mais este Caderno e colaborando para a construção coletiva do conhecimento histórico em Sergipe.

Por fim, frisamos que este material foi concebido para ser flexível e adaptável à realidade de cada escola e turma, fortalecendo o papel do professor como mediador de uma aprendizagem histórica significativa e contribuindo para a formação de uma consciência histórica comprometida com a democracia, a inclusão e a justiça social.

Desejamos que este Caderno de Questões seja um recurso dinâmico, inspirador e útil em sua prática pedagógica.

Boa leitura e excelentes aulas!

FASE1 OEHSE**Questão 1****Documento 1– música**

Sergipe, cajueiro em flor, esse é o meu lugar
(...) “Sou sergipano, oxente! O que é que há?
Desse lugar não quero mais sair
Caranguejo, água de coco
Praia, sol e mar

Estância, num barcode fogoeu vou navegar A
grota do Angico tem histórias pra contar
Vou dar um pulo em Pirambu até o Projeto Tamar
No Brejo Grande o Velho Chico deságua no mar
Na Serra da Miaba eu vou subir pra me banhar
Forró Caju, Siri, Capela, Areia Branca é tradição
Mangue Seco, Abaís, Caueira e Parques dos Falcões
Sergipe, você nunca sai do meu coração” (...)

Título: Sergipe, o Meu Lugar

Tipo: Música

Origem: Álbum Coletânea de Forró, 2021

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete: Luiz Fontenele

Créditos

Compositor: Luiz Fontenele

Intérprete: Luiz Fontenele

Fonte: <https://www.cifraclub.com.br/luiz-fontineli/sergipe-o-meu-lugar/>

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Documento 2 – música

(...) “Sergipe é bonito e tem riqueza e é pequeno e tem Beleza para
todo mundo ver
Sergipe tem também os seus valores e tempo e
escritores e seresteiros do amor
Seu folclore é divino e o lendário não anota seu
Calendário não tem dia sem calor

Por isso que eu exalto minha terra que também lutou na
guerra empunhou o seu fuzil

Seus filhos regressaram com glória e seu nome está
na história em defesa do Brasil

Sergipe tem cidade tão lendária tem orio São
Francisco tem a praia de Atalaia
E para orgulho de seu povo tão gentil é uma fonte de
petróleo, esperança do Brasil” (...)

Título: Aquarela de Sergipe

Tipo: Música

Origem: Álbum Aliança Devolvida, 1978

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Créditos

Compositor: José Augusto Sergipano

Intérprete: José Augusto Sergipano

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/jose-augusto-sergipano/album:82943:12/#album:alianca-devolvida-1978>

Documento 3– música

(...) “Dizem que Sergipe é o país do forró
Mas se pensar um pouquinho é um lugar muito melhor Aqui
não tem só São João, tem a lavagem de Socorro
O Lambe-Sujo em Laranjeiras e uma feira em São Cristóvão

Agora eu vou provar que tamanho não é documento
Preste atenção no que eu lhe falarei muito fundamento Tem a
Barra dos Coqueiros
Tem Estância Lagarto, Itabaiana e Boquim
Sem esquecer de Maruim
Sergipe não cabe em si
Sergipe é grande sim
É um estado de espírito
Onde o mar é mais bonito
Onde o céu é infinito

Aqui é um paraíso
É um ninho bem quente Aqui
é o nosso lar
É onde está a gente” (...)

Título: Sergipe não Cabe em Si

Tipo: Música

Origem: Álbum: Uma Odisseia no meu Espaço, 2010

Compositor: Igor Mangueira

Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan

Créditos: Igor Mangueira

Compositor: Igor Mangueira

Intérprete: Igor Mangueira e Nino Karvan

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/igor-mangueira/1127788/>

Leia a letra e ouça as canções.

- a) Os autores dessas canções transformaram as cidades sergipanas em destinos turísticos, já que brasileiros e estrangeiros após escutarem essas músicas despertam o desejo em visitar Sergipe.
- b) As músicas reforçam o orgulho sergipano e a ideia de que Sergipe é "grande" em espírito, mesmo sendo o menor estado do Brasil. Esse orgulho está relacionado à diversidade cultural, à preservação das tradições e ao sentimento de pertencimento, ressaltado nas frases "Sergipe é grande sim" e "Aqui é o nosso lar".
- c) As três composições acima destacadas foram elaboradas por compositores diferentes em contextos históricos distintos. Porém, todas ressaltam o sentimento de pertencimento que seus autores têm por Sergipe. As representações das sergipanidades dos três autores estão pautadas na diversidade natural e cultural do estado de Sergipe.
- d) As letras mencionam Sergipe como um lugar acolhedor, tanto para quem é da capital (Aracaju), quanto para quem vem de fora, seja do norte, do sul ou até do exterior. Essa visão de Sergipe como um espaço de acolhimento reflete a hospitalidade do povo sergipano.

Comentário da questão

As canções proporcionaram uma viagem pelos mais variados municípios sergipanos. Foi possível explorar diversas habilidades. Os estudantes desbravaram, ao som das três canções, um Sergipe que muitos desconheciam e se autoidentificaram com a exposição das representações sergipanas a cada música apresentada.

A música tem sido e deve ser utilizada na prática pedagógica, inclusive do ensino de História. No caso em questão, as canções podem ser exploradas por professores de outros componentes curriculares, Ensino Religioso, Arte, Geografia, Ciências, Redação, Língua Portuguesa e em qualquer outro componente curricular da Educação Básica, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

É importante destacar que as referidas canções podem fazer parte da prática pedagógica, tornando-se recursos relevantes

para o desenvolvimento de variados projetos no mês da(s) Sergipanidade(s), por exemplo. Através delas é possível estimular a curiosidade dos estudantes, levando-os a explorar cada manifestação cultural, paisagem, nome de cidade referente ao nosso acúlenário e de mais aspectos históricos, sociais, ambientais, econômicos, em muitos outros elementos apresentados pelos compositores ao tratarem dos mais variados municípios sergipanos.

A questão apresentou a possibilidade de se pensar Sergipe com base em três canções. Como pode ser observado nas fontes apresentadas de cada música, elas foram produzidas em contextos históricos diversos, através das quais cada compositor destacou o que, em sua visão, Sergipe apresentava/apresenta de melhor.

Desse modo, mesmo sendo produzidas por pessoas diferentes e em décadas distintas, elas apresentam semelhanças concernentes ao sentimento de pertencimento de cada compositor à utilização das paisagens naturais, bem como dos aspectos culturais, utilizados pelos autores para exaltar Sergipe, o que hoje compreende-se por representações da sergipanidade(s). Assim, compreende-se que através das músicas identificamos as representações das sergipanidades.

Profa. Dra. Tatiane Oliveira da Cunha
Colégio Estadual Ministro Petrônio Portela (Aracaju/SE) e Colégio
Municipal Josué Passos (Ribeirópolis/SE).

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, da primeira fase da OEHSE, é possível elaborar atividades diversificadas alinhadas aos conteúdos e adequadas a cada série. Nesse contexto, a música é uma fonte histórica capaz de refletir uma sociedade em suas diversas nuances, em um determinado período. Essa fonte pode trazer aspectos históricos, políticos, culturais, ambientais, geográficos de um povo em determinado tempo e espaço.

Ao analisar a composição enquanto fonte histórica, o professor pode ter uma visão multidisciplinar, como pede a educação contemporânea, compreendendo o passado e o tempo presente, refletindo sobre história, identidade e memória.

Com base na questão 01, da fase 01, da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades:

Atividade A: Música e Identidade Cultural – Trabalhando o História e Pertencimento através da música “*Sergipe, o Meu Lugar*”, de Luíz Fontenelle.

Atividade B: Música, Memória e História – Conduzidos pelos versos da música “*Aquarela de Sergipe*”, de José Augusto Sergipano, vamos conhecer um pouco da história de Sergipe.

Atividade C: No Ritmo Sergipano: A Música, “*Sergipe Não Cabe em Si*”, de Igor Mangueira, Desvendando a História.

Objetivo:

Levar os alunos a refletirem sobre a relação entre as músicas citadas na questão 01, história e a identidade cultural em Sergipe, promovendo o sentimento de pertencimento à sua comunidade por meio da análise de uma produção musical de forma multidisciplinar, com enfoque no ensino de história.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Atividade A: Música e Identidade Cultural – Trabalhando a História e Pertencimento através da música “*Sergipe, o Meu Lugar*”, de Luiz Fontenelle.

Desenvolvimento:

1. Introdução - Roda de Conversa:

✓ Pergunte aos estudantes:

- Se os alunos conhecem alguma música representativa de sua comunidade?
- Quais canções representam a cidade/bairro/comunidade onde vivem?
- Como a composição pode contar a história de um povo ou lugar?
- Vamos conhecer a música “*Sergipe, Meu Lugar*”, de Luiz Fontenelle?

Apresente a música “*Sergipe, Meu Lugar*” de Luiz Fontenelle, evoque a memória local e discuta suas letras, ritmos e mensagens com os alunos.

2. Análise Musical:

✓ A partir da música “*Sergipe, o Meu Lugar*”, analise com os educandos:

- O que a letra diz sobre Sergipe?
- Quais sentimentos a música desperta?
- Que elementos culturais estão presentes na melodia, no ritmo e na linguagem?
- Que elementos da culinária sergipana podemos observar na música?
- Explique o que é o Barco de Fogo cantarolado nos versos da música? Você já viu algum? Onde?
- Com qual fato histórico a grota do Angico está ligada?
- A música faz menção a praias e rio, cite-os. Comente se você já foi em um desses locais e quais suas memórias deles.
- Pesquise sobre o Projeto Tamar, faça um pequeno resumo mostrando sua importância para preservação da vida aquática.
- Geograficamente falando onde fica a Serra da Miaba? Você conhece?
- A música traz localidades de forte tradição no forró. Cite-as.
- Pesquise e faça um resumo sobre o Parque dos Falcões.
- A música fala em caranguejo. Você já ouviu falar em **defeso**? Poderia explicar o que é e qual sua importância?

3. Atividade:

- ✓ Os alunos divididos em grupos podem escrever uma paródia da música ou uma poesia, com elementos de suas comunidades, ou fazer uma nova música com elementos que lhes são representativos, ou seja, incluindo informações que expressem a identidade cultural da comunidade.
- ✓ Cada grupo apresenta sua música ou poesia para a turma.
- ✓ Ao final, promova uma reflexão sobre como a atividade reforçou a identidade cultural e o pertencimento ao local.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados a critério do professor, pela participação nas discussões, na criatividade da composição e na reflexão sobre o pertencimento a sua comunidade.

Atividade B: Música, História e Identidade Cultural – Trabalhando História e Pertencimento através da música “Aquarela de Sergipe”, de José Augusto Sergipano.

1. Conduzindo a História nos versos da música:**✓ Investigando a música:**

- A música é de 1978. Qual o contexto político que Sergipe e o Brasil viviam nesse período?
- A canção traz em seus versos “*Sergipe é (...) uma fonte de petróleo, esperança do Brasil*”. Como o petróleo era visto enquanto fonte de energia, em 1978, e como ele visto hoje?
- A partir do verso acima, faça uma reflexão de como as mudanças nas fontes de energia influenciaram a forma como o petróleo, um recurso mineral não renovável, antes pensado como o futuro e prosperidade do mundo, passou a ser visto pela perspectiva da Conferência das Partes (COP), reunião anual de signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima?
- Você conhece algum poeta que tenha nascido ou vivido no seu município? Cite o nome e um poema dele.
- Cite poetas sergipanos.
- A música traz o verso “*Seu folclore é divino e lendário*”. Quais grupos folclóricos sergipanos você conhece? Conte a história de um deles.
- Nos versos: “*Por isso que eu exalto minha terra que também lutou na guerra empunhou o seu fuzil. Seus filhos regressaram com glória, seu nome está na história em defesa do Brasil*”. A qual guerra o compositor se referiu?
- A canção se refere a cidades lendárias. Cite aqui as cidades sergipanas que você deseja conhecer.
- Quais municípios sergipanos são banhados pelo rio São Francisco?

- O rio São Francisco tem Carrancas. Pesquise a história delas.

2. Personagens Históricos e a Música:

- ✓ Pesquise sobre o compositor da música – José Augusto Sergipano, e crie uma biografia curta desse artista.
- ✓ Promova um debate sobre a importância da música para a formação da identidade de um povo.

3. A Música do sergipano e a História do Brasil:

- ✓ Cite dois momentos da música que podemos relacionar à história do Brasil.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, de acordo com a participação nas discussões e atividades acima.

Atividade C: No Ritmo Sergipano: A Música, “*Sergipe Não Cabe em Si*” de Igor Manguiera, Desvendando a História.

1. No Compasso da zabumba:

✓ A música desvendando a história:

- A música “*Sergipe não cabe em si*”, traz no seu primeiro verso uma alusão a uma famosa música sergipana. Assim, vamos pesquisar:
 - Que música é essa?
 - Cite 3 versos.
 - Quem é o Cantor?
 - Quem é o Compositor da canção referenciada? Faça uma minibiografia.
- Sobre a música *Sergipe não cabe em si*, reflita:
 - O que São João Significa para você?
 - Como é o São João do seu município?
 - O que representa o folguedo *Lambe-sujo em Laranjeiras*?

- A cidade de São Cristóvão possui um conjunto arquitetônico raro. Fale sobre ele.
- A música fala no município de Barra dos Coqueiros, esse município sofreu um crescimento imenso e muita especulação imobiliária, faça a ligação entre esse crescimento e a luta das mulheres catadoras de mangabapela manutenção desse extrativismo vegetal.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, de acordo com o texto (ou fala/apresentação) da pesquisa desenvolvida sobre crescimento imobiliário e luta pelo extrativismo vegetal da mangaba.

Questão 2

Documento1 -Fotografia



Título: Defesas costeiras dos revoltosos

Tipode documento

Fotografia

Origem

OGlobo.Disponívelem:<https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2024/07/a-revolta-de-13-de-julho-os-seus.html?m=1>. Acesso em 07 set. 2024.

Créditos

Blog Educação, História e Política.

Palavras-chave:Históriapolítica.Tenentismo.Sergipe.

Documento2 – textoacadêmico

O dia da semana destinava-se ao descanso, já que a maior parte das pessoas não trabalhava. Aproveitavam então para ir à igreja, passear pela cidade ou visitar conhecidos. Mas, esse domingo começou diferente. Começou com tiroteios. A diversão do dia de folga estava comprometida. Amedrontadas, muitas pessoas não saíram para os habituais passeios pelas praças do centro da cidade. Sem nenhuma informação oficial, a população foi perguntando aqui e ali e, aos poucos, ia se informando sobre os disparos da madrugada. Cada um sabia um pedaço da história. Entretanto, todas as versões contadas mencionavam que a confusão teve início no quartel do Exército.

De fato, durante a madrugada, o capitão Eurípedes Esteves de Lima, o 1º tenente Augusto Maynard Gomes, o 1º tenente João Soarino de Mello e o 2º tenente Manoel Messias de Mendonça, oficiais do 28º Batalhão de Caçadores (28º BC)², revoltaram a unidade do Exército presente em Sergipe. Tropas lideradas pelos revoltosos ocuparam quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo, as estações dos Telégrafos e da Companhia Ferroviária. Entre os moradores da cidade muita incerteza, já para os responsáveis pelos poderes legais constituídos, não restava dúvida alguma: os oficiais sergipanos estavam loucos!

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **Acasernaempolvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 13.

Documento 3– texto acadêmico

Era noite de 12 de julho. Cerca de 22 horas, a Soarino, oficial do dia, vieram se juntar Eurípedes e Maynard para dar início às operações. Residia no Quartel o segundo-tenente Manoel Messias de Mendonça, intendente do Batalhão e responsável pelo depósito de munições. Ainda sem conhecimento do plano, ao chegar ao Quartel abordaram-no. Surpreendido, ele hesitou, mas diante da insistência dos colegas aderiu ao movimento. Comunicaram aos sargentos, os quais foram acordando paulatinamente os soldados e armando-os. (...)

O povo acordou assustado. Gritos de socorro misturados com os estampidos ecoavam longe. E o tiroteio continuava. Inicialmente pensou-se que seria explosão na Usina Elétrica. Mas, o sibilo das balas foi afastando as dúvidas. Era o Exército contra o governo.

DANTAS, José Barê Costa. **O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930**. 3.ed. – Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 101.

Apartir dos documentos é correto afirmar que, naquele período:

- a) A insatisfação de setores intermediários do Exército com o regime oligárquico e a administração pública do governo Graccho Cardoso foi um dos fatores que levou à revolta tenentista em Sergipe.
- b) O movimento tenentista pretendia evitar que o 28º Batalhão de Caçadores embarcasse para combater a revolta tenentista em São Paulo.
- c) O movimento tenentista reivindicava melhores condições de trabalho para as camadas mais subalternas do Exército.
- d) A oposição dos militares às práticas coronelistas e à corrupção das oligarquias regionais foi um dos fatores responsáveis pela eclosão do movimento tenentista no estado.

Comentário da questão

O Tenentismo no Brasil foi um movimento protagonizado por jovens oficiais do Exército Brasileiro, descontentes com a corrupção e a centralização política da Primeira República (1889-1930). O período também é conhecido como República Velha ou do café com leite. Com uma visão nacionalista e crítica às oligarquias regionais, nesse período, militares defenderam reformas políticas e sociais para modernizar o país e tornar o governo mais justo e democrático. As revoltas tenentistas que começaram em 1922, com a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana e apoiaram, em 1924, em São Paulo e outros estados, foram tentativas de manifestar esses ideais e mobilizar a população contra o governo federal.

Em Sergipe, o movimento tenentista ganhou força na Revolta de 1924, envolvendo oficiais do 28º Batalhão de Caçadores. Os relatos dos textos de Andreza Santos Cruz Maynard e José Ibarê Costa Dantas descrevem o clima tenso e inesperado que tomou conta da população, que acordou assustada com o som de tiros e rumores de um levante militar. Liderado pelo capitão Eurípedes Esteves de Lima e tenentes como Augusto Maynard Gomes e João Soarino de Mello, o movimento sergipano refletiu o desejo de contestar o poder político local, vinculado às oligarquias e ao governo federal. Durante uma revolta, as tropas tomaram pontos estratégicos de Aracaju, como os quartéis do Exército e da Polícia, o Palácio do Governo e as estações de telégrafos e ferrovias.

A postura da população – amedrontada e desinformada sobre os acontecimentos –

demonstra como essas ações foram percebidas como uma ameaça à ordem cotidiana. Esse episódio em Sergipe mostra que o Tenentismo, mesmo sendo um movimento minoritário dentro do Exército, conseguiu abalar as oligarquias vigentes e representar um clamor por mudanças. Importante destacar que, embora esses levantamentos tenham sido controlados, o Tenentismo contribuiu para a formação de um novo cenário político, que culminou na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder, alterando os rumos da política brasileira.

Assunto e pertinência: o tema é o Tenentismo em Sergipe, com foco na Revolta de 1924, quando militares locais se revoltaram contra o poder político central. Esse tema é importante para entender as propostas sociais e políticas do Brasil na Primeira República e a participação de Sergipe nesses movimentos.

Possibilidades de trabalho em sala: debate sobre causas e impactos do Tenentismo e leitura e interpretação de textos históricos, além do uso de mapas para identificar locais em Sergipe que são nomeados com personagens ativos no movimento tenentista, a exemplo do bairro Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

Contribuições para a aprendizagem: compreensão do contexto histórico brasileiro e sergipano, valorização da história local e seu papel no cenário nacional.

Elaine Santos Andrade
Centro de Educação Profissional Governador Seixas Dória

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, nos textos 02 e 03 da fase 01, da 1ª OEHSE e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

Os textos acadêmicos em História são frutos da interpretação de fontes históricas, como documentos escritos, imagens e relatos orais. A análise crítica e contextualizada dessas fontes permite aos pesquisadores compreenderem o passado e estabelecerem relações entre os eventos, construindo o conhecimento histórico.

Além disso, eles são essenciais no ensino básico, pois permite aos discentes desenvolverem pensamento crítico e compreensão de mundo. Mediante leitura de textos acadêmicos, os estudantes aprendem a questionar e interpretar informações, habilidades importantes para a vida em sociedade, bem como podem despertar interesse pela história e cultura, formando cidadãos mais conscientes.

Objetivo:

Desenvolver a compreensão crítica dos educandos sobre o tenentismo em Sergipe, contextualizando-o historicamente com o Brasil.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. Ideiais em meio ao tiroteio:**✓ Leia os trechos dos textos para entender uma revolta:**

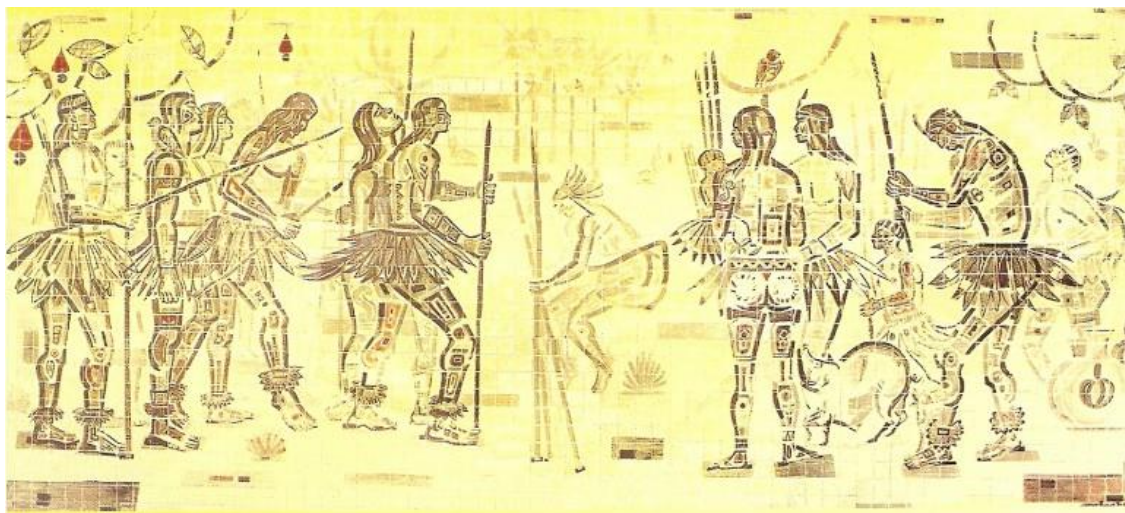
- Sobre a temática dos trechos dos textos da autora Andreza Maynard e do autor Ibarê Dantas reflita e responda às questões abaixo:
 - A qual fato histórico os textos se referem?
 - De acordo com a leitura dos textos 01 e 02 e de pesquisas sobre o tema, elabore um texto respondendo a esses pontos: Quais os fatores sociais, políticos e econômicos que contribuíram para a eclosão da revolta em Sergipe? Como a situação do Brasil na época (Primeira República) influenciou esse movimento?
 - Qual foi o papel da população de Aracaju durante a revolta? Ela apoiou ou se opôs aos tenentes?
 - Como o governo reagiu à revolta?
 - Qual foi a influência da passagem da Coluna Prestes pelo Nordeste na intensificação dos movimentos tenentistas?
 - Historicamente, uma revolta sempre afeta o cotidiano da sociedade, como essa revolta afetou a vida das pessoas que viviam em Aracaju?

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor. A partir da atividade, ele se imaginará como um soldado fazendo parte dessa revolta e fará uma carta para um familiar e os amigos contando sobre sua experiência.

Questão 3

Documento1– mural acadêmico



Título: “Os Primeiros Habitantes de Sergipe”

Autor: Jenner Augusto, 1961.

TipodeDocumento: Mural

Palavras-chave: Mural. Povos Originários. Sergipe.

Crédito: Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, Inácio Barbosa, Aracaju-SE.

Documento 2 – vídeo

https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail

Título: Povos Originários

Produção: Lamparina

Origem: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023, Colorido. 3min. **Imagens:**

“Os Primeiros Habitantes de Sergipe”, Jenner Augusto, 1961 **Música:**

Comunidade Xocó

Créditos: Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa

Sobre os documentos:

a) O painel de Jenner Augusto apresenta as comunidades indígenas através de suas vestimentas e pinturas corporais, destacando a diversidade das etnias que habitaram Sergipe, como os Boimés e os Tupinambás. Esses elementos visuais reforçam a importância da preservação da memória dessas comunidades na cultura sergipana.

b) O vídeo "Povos Originários" foi produzido a partir do painel de Jenner Augusto (1961), que se encontra na Energisa, em Aracaju, e conta também com a música da Comunidade Xocó. Nele, estão presentes as comunidades indígenas que habita(r)amo território sergipano. O vídeo foi produzido a partir da animação das figuras representadas pelo artista. No painel, é possível distinguí-las a partir do vestuário e da pintura corporal.

c) Adocumentação histórica e o apoio de organizações como a FUNAI e o CIMI foram essenciais para que os Xocó e outras etnias, como os Kiriri, reivindicassem seus direitos territoriais, muitas vezes contestados por fazendeiros locais. Essa luta é parte fundamental da trajetória dos povos indígenas em Sergipe.

d) A obra de Jenner Augusto e os estudos de Beatriz Góis Dantas destacam a presença histórica dos povos indígenas em Sergipe e a importância de suas tradições culturais, como a cerâmica e os rituais religiosos. Os Xocós, por exemplo, preservam práticas culturais ligadas ao Rio São Francisco, essenciais para sua identidade, apesar das ameaças contínuas à sua existência.

Comentário da questão

A questão é bastante relevante para o conhecimento e a valorização da diversidade dos referidos povos indígenas. Ela está de acordo com o que preconiza a lei 11.645/08 que traz a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos originários.

Ademais, com base no vídeo e no mural, é possível fazer uma reflexão sobre perda de território, identidade, etnocídio e apagamento desses povos na história, que é eurocêntrica. É cabível também abordar temas transversais como educação para a diversidade, direitos humanos e respeito às culturas e etnias, que são importantes para a formação de uma consciência crítica acerca das questões indígenas e suas lutas por direitos.

A questão, portanto, pode incentivar os estudantes a refletirem sobre a importância do respeito aos direitos dos povos indígenas e como essas populações contribuem para a riqueza cultural e ambiental do Brasil, além de promover o entendimento das lutas atuais por

território, reconhecimento e justiça social.

Profa. Ana Carlade Jesus
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz/Colégio Salesiano N. Sra. Auxiliadora

Profa. Maria Cleide Leite Andrade Calderaro
Colégio Estadual Prof. Acrísio Cruz

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, no documento 01 – mural de Jenner Augusto (título: “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”) e do vídeo “*Povos Originários*”, produzido a partir do citado painel e que conta com a música da Comunidade Xocó, da fase 01 da 1ª OEHSE, e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

O ensino de História se enriquece com a diversidade de fontes, como o mural de Jenner Augusto e o vídeo “*Povos Originários*”. O mural oferece imersão visual na história dos primeiros habitantes de Sergipe, enquanto o vídeo, combinando imagens, a música Xocó e comentários, aprofunda o conhecimento sobre os povos originários e sua importância.

Nesse sentido, o uso de fontes diversas, como o mural e o vídeo, é importante para o aprendizado da História, incentivando a observação, a reflexão crítica e o interesse pela pesquisa nos discentes. Isso porque a combinação de diferentes linguagens proporciona uma compreensão mais completa e contextualizada do passado para os alunos.

Objetivo:

Compreender a história e a cultura dos povos indígenas em Sergipe a partir da análise do mural “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”, de Jenner Augusto, e do vídeo “*Povos Originários*”, produzido a partir do citado painel e que conta com a música da Comunidade Xocó. Com vistas a contextualizar as questões indígenas do passado e presente e as suas influências e lutas na atualidade brasileira.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. As formas de resistência dos povos originários:

✓ Pensar Sergipe através da história indígena:

➤ **Analise o Mural “*Os Primeiros Habitantes de Sergipe*”, de Jenner**

Augusto, e o vídeo do mesmo mural e pesquise sobre o tema, reflita e responda às questões abaixo:

- O mural de Jenner Augusto traz Sergipe em suas origens, um Sergipe indígena... Vamos fazer uma roda de conversa para discutir sobre o que os alunos sabem sobre os povos indígenas do Brasil e de Sergipe.
- Fazer juntamente com os alunos uma leitura do mural de Jenner Augusto, deixar que eles falem o que veem na obra de arte.
- Sergipe tem forte representação dos povos originários, elenque o nome de três municípios sergipanos que são nomes de caciques e pesquise sobre cada um desses caciques fazendo uma mini biografia de cada um.
- Cite o nome de cinco municípios sergipanos que são palavras de origem indígena e explique o significado desses nomes.
- Pesquise sobre o artista Jenner Augusto e faça um pequeno texto sobre ele.
- Entendendo Sergipe como território indígena, quais comunidades indígenas existem e resistem nesse território? Conte a história de resistência dessas comunidades. Na culinária, qual herança eles nos deixaram? Cite alguns hábitos alimentares aqui.
- A história do Brasil foi construída mediante dois pontos: destruição e resistência. O povo indígena resistiu, resiste! O sangue derramado desde a chegada dos primeiros invasores brancos nunca foi chorado como luto, sempre foi transformado em força para luta. Esta continua até hoje, séculos depois. Explique o que é o marco temporal. O que significa? Quem ganha? Quem perde?
- O meio ambiente, a mineração e os povos indígenas na atualidade, fale sobre essa ligação.
- O que a Constituição Federal diz acerca dos povos indígenas?

Atividade extraclasse:

A atividade extraclasse pode ser realizada em parceria com outras disciplinas, como Geografia, História e Arte. Os professores podem convidar representantes de comunidades indígenas para conversar com os alunos ou levá-los para visitar uma comunidade indígena.

Outra possibilidade de atividade seria levar os estudantes para uma visita ao Memorial de Sergipe – instituição que tem o crédito do vídeo Povos Originários, o Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, a partir do acompanhamento das atividades acima.

Questão 4

Documento 01 – texto acadêmico

A pesca artesanal no São Francisco também foi marcada por outros tipos de canoa. Essa atividade remonta ao processo de ocupação dos sertões de Sergipe e de Alagoas, pois as características naturais do sertão moldaram o processo de ocupação do território, gerando dificuldades para os fluxos migratórios, principalmente de grupos menos favorecidos. “Os primeiros ocupadores do sertão passaram a vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos” (ABREU, 1954, p. 217/218) sendo, portanto, a navegação e a pesca artesanal, elementos vitais para nutrir essas primeiras povoações.

De forma muito simples, os pescadores artesanais existentes no Baixo São Francisco formam um contingente de trabalhadores que são definidos como:

Aquele que na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas, trabalha sozinho e/ou utiliza mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos limitados através de técnicas de reduzido rendimento relativo e que destina sua produção, total ou parcial, para o mercado (DIEGUES, 1973, p. 111).

O pescador, o barqueiro e o mestre canoeiro reproduzem no dia a dia as histórias que formam a identificação, o reconhecimento e a identidade, sendo vitais para a noção de pertencimento e fixação na bacia hidrográfica.

O rio São Francisco, fonte de riquezas e potencialidades, é a base para sustentação de diversas comunidades tradicionais. A pesca é uma das mais antigas atividades econômicas da bacia, sendo destacada por Valêncio *et al.* (2003, p. 423) como “uma das atividades mais clássicas de trabalho no rio São Francisco, havendo milhares de famílias ribeirinhas que se dedicam a essa ocupação, por vezes há mais de uma geração”.

Apesca artesanal se realiza exclusivamente pelo trabalho braçal do(a) pescador(a). Nela, a participação do homem se dá em todas as etapas. Importante mencionar que o art. 4º da Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, define como pesca artesanal “todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”.

Com as transformações derivadas do desmatamento, construção de barragens, assoreamento, redução da vazão, entre outros, a quantidade de pescados diminuiu. Essa situação reduz o poder econômico dos pescadores e intensifica a pobreza no sertão, sobretudo, do Estado de Sergipe. Outro elemento de destaque no Baixo São Francisco é o mestre canoeiro, assim denominado pelo seu conhecimento, que desperta respeito e admiração nas comunidades ribeirinhas:

O mestre é praticamente uma instituição, pois armazena em si um patrimônio societário. Ele é responsável pela prévia ideação da arte, o planejamento de todas as etapas, a organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra. Elementos que devem ser sempre divididos com os demais trabalhadores de sua oficina (RAMALHO, 2009. p. 268).

O principal fruto do trabalho dos mestres canoeiros no Baixo São Francisco recebe o nome de canoa Tolda ou canoa Sergipana, marco da mistura entre as culturas europeia e indígena, elementos que contribuíram para a formação das tradições e representações desse trecho do rio.

Cada indivíduo possui um marco de conexão com o espaço e o coletivo. No que tange a essa relação, Halbwachs (2013) aborda que, a partir do momento em que o grupo social se encontra imerso no espaço, ele passa então a moldá-lo, introduzindo nesse espaço suas concepções, valores e influência. “Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade” (HALBWACHS, 2013, p. 160).

Os povos que vivem nas margens do rio São Francisco, tradicionais ou não, estão entrelaçados com as experiências e conhecimentos construídos ao longo das suas vivências com as dinâmicas naturais. Sobre essas relações:

Esses povos possuem vínculo sólido e profundo com o Rio São Francisco, a vegetação, a lua, o sol e a terra. A natureza, além de essencial à vida, pois é do seu uso que se obtém o sustento, define formas de sociabilidade e lhes confere identidade e diversidade cultural. Essas comunidades abrigam e dão suporte para as vivências múltiplas tradições e manifestações culturais da região. Assim como as águas se misturam nesse universo hídrico, as identidades se mesclam e se delimitam, sendo possível

encontrar, por exemplo, comunidades quilombolas e vazanteiras ao mesmo tempo (MINAS GERAIS, 2015, p. 35 e 36).

Dentre as inúmeras memórias transmitidas pela oralidade e que possuem forte ligação com a navegação, estão a do Caboclo d'água, a do Bicho d'água, a Mãe d'água, a do violeiro e a do Minhocão ou Surubim-Rei, que segundo Costa:

Em diversas ocasiões, sem que ninguém esperasse, o barco que deslizava mansamente de um canto a outro do rio, recebia uma tremenda pancada e naufragava imediatamente, indo para o fundo das águas; tudo ocasionado pelo furor homicida da tão temida cobra. Era o Minhocão com a força do seu rabo destruindo e naufragando as embarcações que por ele eram perseguidas (COSTA, 2006, no prelo).

Outra grande referência popular para os navegantes do rio está na imagem de Bom Jesus dos Navegantes, santo cultuado no catolicismo, especialmente pelos povos das margens dos rios do nordeste. A dependência em relação ao rio constrói as bases das relações existentes entre os ribeirinhos, assim sendo:

As cidades e comunidades que margeiam o São Francisco têm o rio como principal fonte de construção de suas estruturas sociais, econômicas e culturais. O rio exerce influência física e simbólica nas práticas cotidianas de seus habitantes. Suas referências são inúmeras e complexas e podem variar entre diversas formas de expressão, ofícios, práticas cotidianas e paisagens culturais (MINAS GERAIS, 2015, p. 55).

Os ribeirinhos, vazanteiros, quilombolas e os demais grupos com suas identidades e memórias são identificados como povos tradicionais que, consoante à Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto Nº 6.040, art. 3º, § 1º), podem ser definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 316).

As comunidades tradicionais alicerçam suas bases de identificação nas memórias coletivas do grupo, do passado ao presente, destacando-se nessa rede de informações a oralidade. As histórias dos naufrágios, competições de pinturas e velocidade entre canoas, festas de Bom Jesus dos Navegantes, viagens da Tupã, Tupi e Tupigy conectam esses ribeirinhos ao rio São Francisco.

Levando em consideração as potencialidades e riquezas da bacia hidrográfica do rio São Francisco, tanto físicas como antropossociológicas, deve-se destacar a importância de uma gestão de recursos naturais e sociais descentralizada e efetivamente participativa para contemplar os diversos interesses e objetivos.

Tipodocumento: Textoacadêmico

Origem: ARAUJO, Adriano Morais. Baixo São Francisco: navegação, pesca e seus (des) dobramentos. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17175> Acesso em 01 de ago. 2024.

Créditos: Adriano MoraisAraújo

Palavras-chave: Pesca artesanal. Comunidades tradicionais. Rio São Francisco.

Documento 2– fotografia

CanoadeToldasergipana



Título: CanoadeToldasergipana

Tipodocumento: Fotografia

Origem: Acervo fotográfico deAdriano MoraisAraújo. Dezembro de 2018.

Créditos: Adriano MoraisAraújo

Palavras-chave: Canoa. São Francisco.

Documento 03 – fotografia

Mestre Cornélio



Título: Mestre Cornélio

Tipododocumento:Fotografia

Origem:Acervo fotográfico deAdriano MoraisAraújo. Dezembro de 2018.

Créditos:Adriano MoraisAraújo

Palavras-chave: Canoa. Mestre.

O conhecimento de indivíduos como o Mestre Cornélio:

- a) Reflete um bem material, já que o produto final de seu trabalho, como a Canoa de Tolda, é um objeto tangível que pode ser fotografado e exposto.
- b) Envolve saberes tradicionais transmitidos ao longo de gerações, como o planejamento de todas as etapas da construção da canoa e a organização do trabalho, pois o mestre é responsável por todas as etapas, pela organização do grupo de trabalho e o nascimento da obra.
- c) Representa a continuidade das tradições culturais e da identidade da comunidade do Baixo São Francisco, sendo essencial preservar esse saber-fazer para garantir que práticas culturais vitais não sejam perdidas.
- d) Combina elementos visíveis e invisíveis, já que, além da Canoa de Tolda, há o conhecimento transmitido e valorizado por gerações, que reflete tanto a prática quanto a cultura do ofício.

Comentário da questão

A abordagem apresentada explora a cultura das comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco em Sergipe e a valorização do seu patrimônio cultural, destacando o papel dos canoeiros como artistas, guardiões de saberes e protagonistas da história local.

Levanta-se elementos importantes para a discussão sobre as comunidades tradicionais, a princípio, o seu modo de organização e a economia de subsistência, bem como a importância socioeconômica dos saberes e fazeres da pesca artesanal.

A temática nos direciona à compreensão do protagonismo de um grupo pouco ou nunca visto em sala de aula, mas que é indispensável para a construção da consciência acerca da história do estado e da gente sergipana.

Em sala de aula, existe um potencial para o trabalho interdisciplinar, envolvendo geografia, arte, história e sociologia. A prática dos canoeiros, em destaque, pode nos voltar para a discussão sobre patrimônio, cultura material e imaterial.

Prof. Cleones Augusto Santos Correia
Colégio Estadual Fausto Cardoso/Colégio Eduardo Marques de Oliveira
Profa. Franciele Alves Ferreira Colégio

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base no texto e nas fotografias da questão 04, da fase 01 da 1ª OEHSE, e no comentário da professora, vamos elencar algumas possibilidades de atividades.

O uso de texto acadêmico e de fotografia no ensino básico promove um aprendizado mais significativo para os educandos. No caso em tela, porque explora a cultura ribeirinha do rio São Francisco no trecho sergipano, permitindo aos estudantes conhecer e valorizar a história local, os saberes e fazeres das comunidades tradicionais, o que fortalece sua identidade cultural regional e o pertencimento.

Com o texto acadêmico é possível desenvolver habilidades de leitura, interpretação, produção textual, bem como ampliar vocabulário e repertório cultural, ao passo que a fotografia é um instrumento didático que desenvolve a observação, a expressão artística e a leitura imagética e isso facilita a compreensão do mundo.

Objetivo:

Estudar a ligação entre os povos ribeirinhos do São Francisco e o rio, suas práticas culturais, econômicas e ambientais, além de discutir estratégias para a valorização e preservação de sua identidade cultural.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. Nas águas e nos veleiros da história:**✓ Leia o texto e observe as fotografias para pensar as atividades abaixo:**

- Elabore um pequeno texto expressando como a pesca artesanal no Baixo São Francisco contribui para a identidade e o pertencimento das comunidades ribeirinhas.
- As transformações ambientais e econômicas foram marcantes na região do Baixo São Francisco. Como a construção de barragens e o

desmatamento, impactaram e impactam a subsistência dos pescadores artesanais e dos mestres canoeiros?

- As comunidades ribeirinhas tem a característica da oralidade. Explique de que maneira as histórias e lendas transmitidas oralmente pelos ribeirinhos fortalecem os laços culturais e sociais dessas comunidades?
- Qual a importância da navegação e da construção de canoas tradicionais para a memória e a identidade dos povos que vivem às margens do rio São Francisco?
- De acordo com os textos acadêmicos citados, como a gestão descentralizada e participativa dos recursos naturais pode contribuir para a preservação das comunidades tradicionais e do ecossistema do rio São Francisco?
- Os povos ribeirinhos tem forte ligação com os ciclos dos rios e com a natureza como um todo, assim, explique como as práticas desses povos demonstram essa relação.
- Traga exemplos de possibilidades de salvaguardar a cultura dos ribeirinhos que muitas vezes corre riscos devido a mudanças ambientais e sociais.
- Você considera a pesca artesanal como patrimônio cultural? Justifique sua resposta.
- Fale sobre o que é um mestre canoeiro.
- Os saberes e fazeres de um mestre canoeiro pode ser considerado Patrimônio Cultural de uma Comunidade? Explique sua resposta.
- Explique a importância histórica da canoa de Tolda.

Atividade extraclasse:

Uma visita a uma comunidade ribeirinha onde os discentes possam conhecer de perto a cultura e os problemas vivenciados por esses povos. Guiada por um membro da comunidade, eles poderão conversar com os moradores e compreender as questões ambientais e sociais vivenciadas ali.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, mediante formação de grupos, seguido de um debate com a turma sobre um tema polêmico relacionado aos povos ribeirinhos, como a construção de hidrelétricas no rio São Francisco ou a pesca predatória. O debate deve ser mediado pelo professor e seguir regras claras de participação, incentivando o respeito às diferentes opiniões e a argumentação baseada em evidências históricas e em um olhar sobre o meio ambiente.

Questão 5**Documento 01 – texto acadêmico**

A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em 01 de agosto de 2010, e foi condecorada com o selo oficial em 08 de julho de 2011. Para Sergipe, ela é o maior patrimônio cultural do Estado. Já, para São Cristóvão, é a possibilidade de ascender economicamente como cidade turística, haja vista ser símbolo de identidade cultural e orgulho, bem como palco das manifestações culturais, religiosas e festivas da cidade.

A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e homogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil. Nela, o visitante tem a impressão de estar integrado num longínquo instante da História, convivendo com as primeiras raízes da nacionalidade. Segundo Fonseca (1990, p. 69), seja qual for o lado para onde se olhe, verá nas linhas das edificações e na pátina dos beirais, a coloração especial que os tempos idos e vividos já deixaram.

Com mais de 400 anos a Praça São Francisco, conforme foto 16, se encontra localizada na parte alta de São Cristóvão. Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da referida cidade. Ademais, sua existência se deve à iniciativa dos franciscanos que chegaram à cidade por volta do século XVII.

Depois da Igreja São Francisco, foram sendo construídas as demais edificações culturais que circundam a citada Praça até os dias atuais, como a Capela da Ordem Terceira

(atual Museu de Arte Sacra), a antiga Santa Casa com a Igreja da Misericórdia e o Palácio dos Governadores (atual Museu Histórico de Sergipe) e o casario que a completa. Como já foi comentado, conforme Soutelo (2007), todas essas edificações atualmente estão tombadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para Telles (2007), a importância dessa praça se baseia no grande conjunto arquitetônico que ela abriga, pelo seu tamanho e amplitude, sua associação a um Cruzeiro de calcário (comum nos conjuntos franciscanos), ao atual Museu de Arte Sacra (Igreja de São Francisco), ao Convento de Santa Cruz e à Santa Casa de Misericórdia – representações socioculturais da comunidade.

Abadia e Barroco (2012) destacam a importância histórico-cultural da praça por ser o único exemplar no Brasil que se enquadra no Ato IX das Ordenações Filipinas, típica da arquitetura e planejamento urbano colonial realizado pelos espanhóis, aplicáveis também aos territórios portugueses durante a União Ibérica. De acordo com esse modelo, ela se encontra localizada no centro principal da cidade e possui as forças políticas, jurídicas e religiosas, próximas.

Fragata (2007) e Silva Filho (2007) comentam sobre a importância das manifestações culturais religiosas e da religiosidade presente na figura do convento, que outrora abrigou a ordem franciscana, os carmelitas e religiosos das tantas irmandades católicas, que sempre organizaram quermesses, sermões, missas campais e procissões, além da participação da Praça São Francisco no cotidiano da cidade por mais de quatro séculos de experiência histórica.

Ademais, Aragão (2010, p.12) assevera que a Praça São Francisco se tornou referencial para cultura dos sergipanos graças aos “três vértices do triângulo” formado pelo Convento de São Francisco, o Convento do Carmo e a Igreja da Matriz, somados às demais obras civis, religiosas e, por fim, pelo próprio conjunto urbano.

3.3.1 Processo de tombamento da Praça São Francisco.

Título: Praça São Francisco, Monumento da UNESCO

Tipologia do documento: texto acadêmico

Origem: DANTAS, Jennifer Daiane Marques Melo Dantas. Percepção dos moradores da cidade de São Cristóvão/SE sobre a elevação da Praça São Francisco a patrimônio cultural

da humanidade. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia)- Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. p.49 - 51. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7434> Acesso: 12/01/2024.

Créditos: Jennifer Daiane Melo Dantas

Documento 02 – fotografia



Título: Praça São Francisco

Tipodedocumento:Fotografia

Origem: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/43>

Créditos:IPHAN

O texto aponta:

- a) A Praça São Francisco foi tombada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1º de agosto de 2010 e foi condecorada com o selo oficial em 8 de julho de 2011.
- b) Trata-se de um sítio de influência portuguesa e espanhola que foi criado logo depois da fundação da cidade de São Cristóvão. Com mais de 400 anos de existência, evidencia a riqueza arquitetônica e histórica presente em seu espaço, contextualizando o processo de formação do estado de Sergipe.
- c) A Praça São Francisco é, com certeza, o mais belo e heterogêneo conjunto arquitetônico colonial do Brasil.
- d) Retrata as edificações prediais construídas durante a colonização do território brasileiro e a riqueza dos prédios públicos ocupados pelos povos europeus

durante o processo de colonização da capitania de Sergipe d'El Rei.

Comentário da questão

Guardar, transmitir, preservar, ressignificar a nossa História é muito importante porque nos auxilia a entendermos o presente e construir o futuro, daí a importância de reconhecer os nossos patrimônios históricos e culturais. A Praça São Francisco é reconhecida como Patrimônio da Humanidade, pois, ao integrar vários aspectos de um Brasil colonial (história, arquitetura, cultura e religião), destaca-se como oportunidade de nos transportar ao período mencionado e nele reconhecer as raízes de nossa identidade social e suas influências sócio-históricas.

Além disso, a preservação material das construções transmite a memória do que nossos antepassados viveram e produzem uma compreensão mais vívida e próxima do que se passou, bem como dos atores que deram vida aos espaços e o sentido histórico que a Praça São Francisco guarda.

Profa. Tânia Regina Barbosa Costa
Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa Colégio
Estadual Tobias Barreto

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base no texto acadêmico e na fotografia, ambos sobre a praça São Francisco em São Cristóvão, da questão 05 da fase 01 da 1ª OEHS e no comentário da professora, vamos pensar algumas possibilidades.

Estudar a Praça São Francisco enquanto patrimônio cultural da humanidade, utilizando os textos acadêmicos e análise de fotografias é importante para a compreensão do aluno no ensino básico. Essa prática possibilita o desenvolvimento da identidade e do pertencimento, além de reconhecer a importância da história, da arquitetura, das religiões e da cultura para a formação de uma sociedade.

A fotografia da referida Praça permite que os educandos observem elementos arquitetônicos, cores e detalhes da história do local. Essa análise crítica e reflexiva possibilita que eles compreendam a importância da preservação do patrimônio cultural e se tornem

agentes ativos na defesa e valorização da cultura local. O texto acadêmico, por sua vez, proporciona um embasamento teórico bem formulado e estruturado mostrando a importância de um patrimônio da humanidade.

Objetivo:

Sensibilizar os estudantes para a importância do patrimônio cultural, a exemplo da Praça São Francisco em São Cristóvão. Assim, através da análise de textos acadêmicos e da observação de fotografias, desenvolver o sentimento de pertença deles e a valorização do patrimônio cultural de sua localidade.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

1. A arquitetura da tradição na história:

✓ **Leia o texto e observe a fotografia para pensar o patrimônio cultural a partir das atividades propostas:**

- Por qual motivo a Praça São Francisco foi considerada Patrimônio Cultural da Humanidade reconhecida pela Unesco? Quais critérios a Unesco usou para dar esse reconhecimento?
- Em qual período histórico europeu a Praça São Francisco foi construída e quais influências arquitetônicas da sua estrutura?
- Qual o significado cultural da Praça São Francisco para a cidade de São Cristóvão e para o estado de Sergipe?
- Em que ano a Praça São Francisco foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio da humanidade? Qual era o cenário político de Sergipe nesse momento?
- O título de Patrimônio Cultural da humanidade trouxe impacto ao turismo da cidade de São Cristóvão? Cite benefícios e desafios.
- Um símbolo gastronômico e patrimônio cultural da cidade de São Cristóvão é a queijadinha, qual é a origem desse doce? Como ela se tornou um doce tradicional e um símbolo cultural da cidade?
- O biscoito bricelet é um símbolo gastronômico de São Cristóvão, fale sobre a origem dele, a história e a questão patrimonial.

- Além da beleza arquitetônica, qual outro aspecto torna a Praça São Francisco um local especial, segundo o texto de Jennifer Dantas?
- Qual a relevância da Praça São Francisco em relação às Ordenações Filipinas e à influência espanhola?
- No seu município quais as construções que, segundo o sentimento coletivo das pessoas e a história do local, pode-se chamar de Patrimônio Cultural?

Atividade extraclasse:

Fazer uma viagem pedagógica para conhecer São Cristóvão.

Avaliação:

Durante a viagem pedagógica os alunos podem fazer registros fotográficos e, a partir deles, proceder a uma exposição na escola sobre a importância cultural da cidade.

FASE 2 OEHSE**Questão 1****Documento 01 – fotografia**



Título: Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó

Tipo: Fotografia

Origem: Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> Acesso em: 30 set 224

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Documento 02 - notícia

O novo território indígena sergipano foi viabilizado por meio de uma parceria entre o Governo de Sergipe e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Os indígenas da tribo Fulkaxó foram recebidos essa semana na Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (SEAGRI), para a assinatura do contrato de compra da fazenda. A propriedade foi adquirida a partir de recursos da FUNAI para abrigar cerca de 90 famílias de Fulkaxó.

O benefício representa um pleito antigo da comunidade indígena, transformado em Projeto de Lei e aprovado por unanimidade pela Assembleia Legislativa de Sergipe (ALESE). A Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, autorizou o Poder Executivo estadual a transferir duas áreas rurais de sua propriedade para a realocação de famílias indígenas e de agricultores familiares. A iniciativa teve como finalidade preservar a identidade, o modo de vida e a cultura indígena no estado, viabilizando ações que concretizem a demarcação de suas terras, protegendo esses povos de possíveis invasões e ocupações por terceiros.

Título: Funai adquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó

Tipo: Notícia

Data de publicação: 11 de julho de 2024

Origem: Funai. **Disponível em:** <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-adquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo> **Acesso em:** 30 de setembro de 2024.

Palavras-chave: Povos indígenas. Fulkaxó. Reserva Indígena.

Entre Neópolis e Pacatuba, a etnia Fulkaxó conseguiu se fixar:

- a) O Estado de Sergipe passa a ter oficialmente duas comunidades indígenas. Até então, a única terra indígena sergipana era Caiçara, na Ilha de São Pedro, no município de Port da Folha. O estado passou a ter oficialmente a antiga fazenda Soloncy Moura, em Pacatuba, na região do baixo São Francisco sergipano, como a segunda área destinada à posse permanente do grupo indígena Fulkaxó. A área é considerada a primeira reserva indígena sergipana por ter sido adquirida pela Funai para alocação daquela comunidade.
- b) As principais causas do conflito envolvendo os povos Fulkaxó seriam a insuficiência de terras no Brasil disponíveis para esse fim e a discriminação sofrida pelos Fulkaxó na distribuição de benefícios na comunidade, além de outras desavenças relacionadas a decisões políticas e à ausência total de costumes e tradições que se perderam no decorrer do tempo.
- c) Assim como no restante do Brasil, existiu uma luta de anos para que os povos originários Fulkaxó conseguissem o direito definitivo aos 45 hectares de terra adquiridos pela união e destinados à posse permanente desse povo indígena. O Ministério Público Federal de Sergipe processou a união e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) requerendo a compra de tais terras. A FUNAI comprou a Fazenda Soloncy Moura junto ao Governo de Sergipe e a propriedade foi transferida para comunidade no formato de Reserva Indígena. Toda vez que é regulamentada uma reserva indígena, nasce uma reserva ambiental.
- d) As Reservas Indígenas são terras doadas por terceiros ou adquiridas e desapropriadas pela União que se destinam à posse permanente dos indígenas. Já as Terras Indígenas tradicionalmente ocupadas, são bens da União, no qual os indígenas têm a posse permanente reconhecida pelo artigo 231 da Constituição Federal.

Comentário da questão

A questão aborda a criação da Reserva Indígena Fulkaxó, direitos territoriais indígenas. A criação dessa reserva também reflete a resistência dos povos originários em manter suas identidades culturais e modos de vida.

A questão também promove um amplo debate sobre como as etnias Fulni-ô, de Pernambuco, Kariri, de Alagoas e Xocó, de Sergipe se uniram para sobreviverem ao árido cenário de apagamento vivido por esses povos desde a chegada dos portugueses.

No ensino de história, esse tema é relevante porque permite explorar a relação entre a formação territorial brasileira e a exclusão histórica dos povos indígenas. A luta do povo Fulkaxó por terra pode ser trabalhada como um estudo de caso para analisar a resistência e os desafios enfrentados pelos povos originários, bem como a forma como a legislação atual busca reparar essas injustiças históricas. Essa abordagem também contribui para desconstruir estereótipos e reforçar o protagonismo indígena no processo de formação do Brasil. Na sala de aula, essa questão pode ser abordada por meio de debates, análises de documentos legais e textos sobre a história indígena conectando-se aos temas da Lei 11.645/2008.

Atividades como a produção de mapas temáticos, pesquisas sobre as comunidades indígenas locais, análises de notícias atuais e reflexões sobre políticas públicas podem enriquecer o debate. Além disso, promover rodas de conversa ou, se possível, entrevistas com lideranças indígenas pode oferecer aos educandos uma visão mais concreta e humana das questões indígenas no Brasil. Essa abordagem amplia a compreensão histórica e promove uma visão crítica da cidadania, incentivando o respeito à diversidade cultural e à luta pelos direitos dos povos originários.

Profa. Eliana Dias Ferreira Oliveira
Mestra em Ensino de História

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, na fotografia 01, no texto 02 e na Lei 9.345/2023 da fase 02 da 1ª OEHS e no comentário da professora, vamos propor algumas possibilidades de atividades.

A fotografia é um importante recurso pedagógico para o ensino de história, através dela os estudantes podem observar pontos como ambientes, vestimentas e objetos de determinados contextos históricos. As Leis, por seu turno, são fontes históricas que revelam

informações da sociedade que a produziu. Desse modo, utilizando esse recurso o aluno percebe que o direito e as decisões políticas podem favorecer ou não o cotidiano das pessoas, bem como a importância do Estado de Direito e da participação cidadã.

Os Sites oficiais de instituições governamentais, museus, arquivos e centros de pesquisa, quando utilizados no ensino de história, permite a pesquisa de diversos objetos em diferentes tempos históricos. Todos os recursos pedagógicos devem ser utilizados com o atento olhar do docente que orientará acerca do uso e intencionalidade das fontes históricas.

Objetivo:

Analisar a questão indígena no Brasil, os desafios enfrentados pelos povos indígenas na luta pela demarcação de suas terras e pela garantia de seus direitos, valorizando a cultura e o conhecimento tradicional deles.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

2. Tentativas de reparação:

✓ **Observe a fotografia, leia o texto, pesquise e reflita criticamente sobre a problemática indígena:**

➤ Sobre a temática reflita e responda as questões abaixo:

- Historicamente qual a importância da assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó em Sergipe para o povo Fulkaxó e para a questão indígena no Brasil?
- Cite alguns dos muitos desafios enfrentados pelos povos originários no Brasil na luta pela demarcação de suas terras e pela garantia de seus direitos fundamentais?
- O ambiente hostil existente desde sempre no Brasil, quando o assunto é direito dos povos indígenas, levou à criação da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). Qual a função desse órgão no

processo de demarcação de terras e na defesa dos direitos dos povos indígenas?

- Os povos indígenas vivem em comunhão com a natureza, são guardiões das florestas. Qual a relevância da preservação do modo de vida desses povos para a manutenção da biodiversidade do planeta?
- Para você a sociedade brasileira abraça a causa indígena? Defende seus direitos? Enaltece sua arte? Justifique sua resposta.
- Quais os benefícios da criação do novo território indígena para a preservação da cultura e do modo de vida dos Fulkaxó?
- Explique qual o objetivo da Lei 9.345, de 26 de dezembro de 2023, aprovada pela Assembleia Legislativa de Sergipe?
- De acordo com o que você pesquisou, o que a criação de um novo território indígena representa para a comunidade Fulkaxó?
- A criação de uma reserva indígena traz quais benefícios para a preservação da cultura e do modo de vida dos povos originários?
- Cite duas comunidades indígenas existentes em Sergipe.

Atividade extraclasse:

Fazer uma excursão pedagógica para a aldeia Fulkaxó.

Avaliação:

Os alunos poderão ser avaliados, a critério do professor, a partir de um relatório da viagem e das atividades propostas acima.

Questão 2

Documento 1 –fotografia



Título: Largo da Gente Sergipana

Documento: Fotografia

Origem: <https://g1.globo.com/se/sergipe/especial-publicitario/banese/sergipanize/noticia/2020/08/21/campanha-sergipanize-se-e-inspirada-em-manif>

Crédito: G1 Sergipe

Palavras-chave: Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

Documento 2 – texto acadêmico

Mediante comparativos, percebemos a relevância histórica e o legado cultural do Largo da Gente Sergipana, já que foi construído de maneira imponente, com foco na nossa ancestralidade e formação cultural, em uma das principais avenidas da capital. Lá, encontra-se, além da ancestralidade, a história dos povos indígenas, dos colonizadores europeus, dos vários povos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravizados, assim como suas ressignificações na formação da história, da cultura e da sociedade brasileira.

Isto posto, mais do que um espaço para Educação Patrimonial e um equipamento turístico para visitas e fotos, o Largo da Gente Sergipana traz as imbricações da terra e de seu povo, os conflitos e tentativas de harmonia, os silenciamentos e discursos contraditórios. Ensinar a história local dialoga com a própria construção simbólica de uma “identidade nacional” também cheia de exclusões e disputas; e faz com que se perceba a cultura não apenas em seu viés lúdico, mas também as culturas políticas que permeiam sua salvaguarda.

Tipologia do documento: Texto acadêmico

Origem: OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino

de história em Sergipe. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14453> Acesso em: 30 de set 2024.

Crédito: Eliana Dias Ferreira Oliveira

Palavras-chave: Largo da Gente Sergipana, cultura popular, manifestações culturais, monumento urbano, Sergipe, folclore.

Com base nas fontes apresentadas, o Largo da Gente Sergipana:

- a) O Largo é um monumento urbano, feito pelo artista plástico Tati Moreno, situado no estuário do rio Sergipe, que reúne em si estátuas de todas as manifestações culturais do Estado de Sergipe. Essa coletânea é uma das várias homenagens que referencia a cultura popular em Sergipe.
- b) A estatuária, Largo da Gente Sergipana, é composta por nove manifestações culturais de Sergipe: Lambe-sujo e Caboclinhos, Bacamarteiros, Cacumbi, Parafusos, Barco de Fago, Reisado, Chegança, Taieira e São Gonçalo. São os grupos folclóricos, com suas características identitárias, seu vestuário celebrativo, em suas performances simbólicas e memoradas por gestos, expressões e posturas, que estão representados ali.
- c) Idealizado pelo arquiteto Ézio Déda, o Largo da Gente Sergipana foi inaugurado em 17 de março de 2018 e é uma homenagem a algumas das tradições culturais existentes em Sergipe que referenciam a formação do povo brasileiro, de sua história e religiosidade, a exemplo da Taieira, única expressão feminina presente no Largo, que está ligada à irmandade Nagô de Santa Bárbara Virgem, do município de Laranjeiras, sendo uma das mais importantes manifestações de hibridismo religioso no Brasil.
- d) O monumento, Largo da Gente Sergipana, mudou a paisagem urbana de Aracaju. Ele foi construído às margens do Rio Sergipe e foi o primeiro monumento urbano de grande impacto erguido em homenagem à cultura popular sergipana.

Nesse sentido, o Largo é um lugar de memória e de identidade de Sergipe representando as mais diversas culturas e sujeitos históricos do estado. Por isso, ele é muito pertinente no trabalho pedagógico em sala de aula, sobretudo da disciplina história, uma vez que, analisar essas representações, aproxima os estudantes das identidades regionais, e, especialmente, a sergipanidade. Além disso, o Largo da Gente Sergipana é um espaço muito fértil para educação patrimonial e para o turismo, visto que possibilita ao educando, ao turista

e ao morador sergipano o seu espelho identitário. A relação do Largo da Gente Sergipana e a transposição didática para sala de aula pode ser materializada através de projetos, visitas técnicas e aulas públicas sobre esse panteão cultural de Sergipe.

Prof.Dr.Anselmo Machado Instituto Federal de Sergipe –
Campus Lagarto

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, no documento 01, fotografia do monumento urbano Largo da Gente Sergipana e do trecho texto acadêmico extraído da Dissertação “Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe”, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Os monumentos urbanos são fontes históricas que podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de história para o aluno entender a formação de sua identidade cultural, pois, com eles, os discentes podem aprender sobre eventos históricos e culturais e transformações urbanas. O uso desses monumentos com fins pedagógicos acompanha sempre uma análise crítica, além disso, o espaço permite uma reflexão sobre a história cultural, política e ambiental da cidade.

Objetivo:

Analisar o Largo da Gente Sergipana como um espaço de educação patrimonial que reflete a diversidade cultural e a formação histórica da sociedade sergipana e brasileira, com foco na ancestralidade indígena, na colonização europeia, na diáspora africana e nas suas interrelações.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

2. Resistência entre ritmos, cores e alegria:

- ✓ Pensar Sergipe através do monumento urbano Largo da Gente Sergipana:
 - Analise a fotografia do “Largo da Gente Sergipana”, o “texto acadêmico”, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:

- Quando o Largo da Gente Sergipana foi inaugurado e qual a sua localização?
- Quantos elementos da cultura popular estão presentes no Largo da Gente Sergipana e quais são eles?
- O Largo traz algumas raízes folclóricas de Sergipe, contudo, temos muitos mais grupos que aqueles. Cite cinco grupos folclóricos existentes em Sergipe não contemplados pelo Largo.
- Pesquise e escreva a história do grupo São Gonçalo do Amarante.
- O Barco de Fogo, elemento central do Largo, tem sua origem no bairro Porto d'areia, reconhecido por lei como comunidade remanescente de quilombo, em Estância. Pesquise e produza um texto sobre o que esse reconhecimento significa.
- Quais grupos de cultura popular existem em seu município?
- O grupo Parafuso de Lagarto, presente no Largo, conta a história de resistência dos escravizados em Sergipe, conte essa história aqui.
- Em quais municípios encontramos os grupos Lambe-sujo e Caboclinho e o que cada um representa?
- Temos um boi no Largo. A qual grupo ele pertence, qual a origem desse grupo?
- Temos um grupo no Largo ligado aos festejos juninos, nele tem estouro de pólvora. Que grupo é esse e em quais municípios podemos encontrar?
- Cite aqui dois grupos folclóricos presentes no Largo que tem origem no continente europeu.
- De que forma o Largo da Gente Sergipana representa a diversidade cultural brasileira?
- De que forma as manifestações culturais representadas no Largo da Gente Sergipana refletem a influência africana na formação da identidade brasileira?
- Em Laranjeiras temos um grupo ligado ao terreiro nagô de Santa Bárbara virgem. Ele é uma prova de resistência africana e é

representado no Largo por uma imagem feminina. Que grupo é esse? Fale sobre esse ele.

- Os países do continente africano são fortemente encontrados na cultura popular sergipana, a exemplo do alegre e colorido Cacumbi. Pesquise e fale sobre a história dele.
- Qual a função do Largo da Gente Sergipana para a cultura e para o turismo de Sergipe?
- Qual a importância do Largo da Gente Sergipana para a preservação da memória e da identidade cultural do povo brasileiro?

Atividade extraclasse:

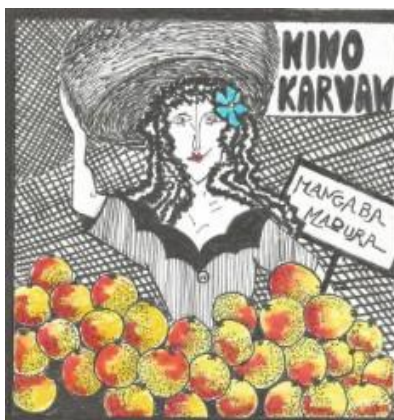
A atividade extraclasse pode ser realizada em parceria com outras disciplinas, como Geografia, História e Arte. Assim, sugere-se que se faça uma visita guiada com os estudantes ao Largo e ao Museu da Gente Sergipana.

Avaliação:

Promover um debate sobre o Largo da Gente Sergipana suscitando a representação da cultura afro-brasileira no espaço público.

Questão 3

Documento 1 – música



<https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

Título: Mangaba Madura

Tipo:Música

Origem: Álbum Mangaba Madura, 2001

Compositor: Nino Karvan

Intérprete:Nino Karvan

Créditos

Compositor: Nino Karvan

Intérprete:Nino Karvan

Fonte: <https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>

Palavras-chave: Mídias digitais. História da música. Sergipe.

Documento 2 – artigo *on-line*

Catadoras demangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas

A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez), típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas, sendo parte da culinária local na forma de sucos, doces, compotas, sorvetes e licores. Outrora comuns, os mangabais são nos dias atuais cada vez mais raros e alvo de intensos conflitos entre proprietários rurais, catadoras, gestores, funcionários da administração pública e empresários de turismo e da construção civil.(...)

A mangaba é fruto apreciado no litoral nordestino e faz parte da crescente demanda por frutos exóticos entre as populações de outras regiões brasileiras, o que tem aumentado o seu preço de mercado e estimulado pequenos e grandes proprietários de terra a investirem em sua produção comercial. Sergipe é atualmente o maior estado produtor de mangaba, cujo quilo da fruta pode atingir, nos mercados da capital, preço superior ao de frutas importadas, como maçãs e uvas. (...)

As catadoras de mangaba vivem nos tabuleiros costeiros e restingas de Sergipe. São 61 comunidades distribuídas em 56 povoados de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Estância, Indiaroba, Itaporanga D’Ajuda, Japoatã, Japaratuba, Pacatuba, Pirambu, São Cristóvão, Santa Luzia do Itanhy e Santo Amaro das Brotas. Segundo dados da EMBRAPA, em Sergipe, são 7.500 pessoas dependendo dessa atividade para sobreviver. Destas, 2.500 são mulheres extrativistas que sustentam suas famílias.

Segundo Josué Silva Júnior, Heribert Schmitz e Dalva Mota, pesquisadores da EMBRAPA, elas são em geral mulheres predominantemente negras e pobres que se dedicam

ao extrativismo em terras devolutas ou de terceiros. Como não possuem posse das terras que exploram, dependem de acordos com seus proprietários para ter acesso aos mangabais nativos. Tradicionalmente, reivindicam o direito de acesso baseado em costumes locais, e hoje lutam para poder continuar a fazê-lo.

Sendo geralmente vendidos em locais próximos aos mangabais ou feiras em municípios adjacentes, esses frutos atingem, como mencionado anteriormente, preços mais elevados. Entretanto, essa prática tem sido substituída pela coleta das mangabas de vez (frutos ainda nos galhos, alguns um pouco verdes ou em processo adiantado de amadurecimento), que resistem melhor ao transporte para mercados mais distantes, mas são menos valorizados, além de causarem danos à árvore, prejudicando a produtividade dos mangabais.

Com o não reconhecimento das terras em questão – originalmente pertencentes à União e, posteriormente, transferidas para a prefeitura – as catadoras sequer serão indenizadas, o que significa que repentinamente perderão parte importante de sua renda sem que possuam qualificação para serem reinseridas no mercado formal de trabalho, o que já teriam feito se não possuíssem baixa empregabilidade ou sem que lhes sejam apresentadas alternativas.

Essa situação começa a ser revertida com a recente organização das catadoras em torno de uma entidade que as representa. Criado em 2007, com o apoio de pesquisadores e técnicos da EMBRAPA, e seguindo o modelo das organizações ligadas às quebradeiras de coco babaçu do Maranhão (sujeitas a problemas semelhantes em seu estado e que acompanharam de perto a organização das catadoras de mangaba), o Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM) foi um dos resultados do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, realizado na capital para discutir os problemas comuns das catadoras.

Título: SE – Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas extrativistas

Tipo: Artigo on-line

Fonte: Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, Fiocruz **Disponível em:** <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/se-catadoras-de-mangaba-lutam-pela-demarcacao-de-reservas-extrativistas/> **Acesso em:** 14 de ago de 2024.

Palavras-chave: Mangaba, reservas extrativistas, catadoras, Sergipe, demarcação de terras, conflitos ambientais.

Documento 3 – artigo científico

No caso dos conflitos em torno dos impactos socioambientais, as mudanças a partir do espaço construído, principalmente pelo mercado imobiliário e poder público, também são significativas e as metamorfoses e a reestruturação metropolitanas são igualmente

expressivas, comprometendo as condições de vida da população menos favorecida e a qualidade dos ambientes naturais e antropizados que afetam a todos, conforme defende Vilar (2022).

Um exemplo representativo do terceiro tipo de CSA é a destruição das mangabeiras, especialmente nos terraços da Barra dos Coqueiros e Aracaju. A resistência do movimento das catadoras de mangaba e as iniciativas das universidades e centros de pesquisa são insuficientes para reverter esse quadro de destruição da mata de restinga da qual as mangabas são extraídas. Além de colocar em xeque um modo de vida tipicamente local, oferece dificuldades para o uso de conhecimentos específicos no fazer cultural e em práticas gastronômicas que os sergipanos conhecem tão bem e se confundem com nossa identidade territorial.

Título: Conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju

Tipodocumento: Artigocientífico

Origem: FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; VILAR, José Wellington Carvalho. Produção imobiliária, expansão urbana e conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju. P. 32.

Disponível em:

file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Aracaju_OM_Eleicoes_2024.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

Créditos: Sarah Lúcia Alves França e José Wellington Carvalho Vilar

Palavras-chave: Produção imobiliária, expansão urbana, conflitos socioambientais, região metropolitana de Aracaju.

Considerando a relação entre o extrativismo, a identidade local e as expressões culturais, bem como o impacto da possível extinção das áreas de mangabeiras para a população que vive dessa atividade:

a) A extinção das áreas de mangabeiras significaria uma perda significativa para a gastronomia sergipana, já que o fruto não seria facilmente substituído por outras frutas.

b) A perda das mangabeiras representaria o desaparecimento de um dos símbolos culturais de Sergipe, presente na gastronomia e na produção artística local, como na música “Mangaba Madura”, de Nino Karvan. Essa perda ameaçaria tanto a sobrevivência econômica das catadoras e sua relação com a identidade sergipana.

c) O impacto seria mínimo, já que o extrativismo da mangaba está restrito a pequenas

comunidades e não influencia de maneira significativa a cultura ou a economia local.

d) A mangaba – fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomez) e típica do cerrado, da caatinga e do litoral nordestino – é cultivada ou colhida há pelo menos dois séculos pelas populações tradicionais desses biomas.

Comentário da questão

A questão sobre as catadoras de mangaba propõe uma reflexão sobre as comunidades tradicionais. Especialmente aquelas comunidades residentes em capitais. Em Sergipe, as comunidades das catadoras de mangaba estão presentes nos municípios de Aracaju, Japarutuba, Pirambu, Barras do Coqueiro, Estância e Indiaroba. Em sua maioria são mulheres negras que, além de catar mangabas, exercem outras atividades como a de marisqueiras, pescadoras tradicionais, artesãs e culinárias. Apesar disso, o extrativismo da mangaba é a principal atividade dessas mulheres. Em Aracaju, elas possuem uma reserva de extrativismo dessa fruta, sendo 11 áreas localizadas na zona de expansão, a única existente entre as capitais do Brasil.

Sua atividade é organizada pela associação de instrumento da defesa e da promoção a catar. A questão é pertinente também porque traz a história das catadoras de forma lúdica, por meio de canções e textos. Além disso, explica a tradição de catação, associada à alimentação e música – prática repassada de geração a geração ao longo do tempo. Essas práticas são importantes para a cultura e a culinária local, como por exemplo a produção de sucos e doces.

Vale mencionar que as catadoras desempenham atividades voltadas para a utilização sustentável por via dos recursos da biodiversidade. Além disso, a prática extrativista delas de modo tradicional é considerada um bem integrante do patrimônio cultural imaterial do brasileiro, que é previsto no artigo 216, II, da Constituição Federal. Ademais, seus fazeres ligados aos doces, licores e cocadas, feitos da fruta sergipana, a mangaba, garantem a comercialização da dessa fruta como fonte de renda e garantia de segurança alimentar e nutricional para essas mulheres.

MariaHelenadeOliveira
Centro de Excelência Professor Paulo Freire

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, no documento 01, música, do trecho do texto acadêmico e do documento 03, site da fase 02 da 1ª OEHS e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Sensibilizar os alunos para a resistência feminina em comunidades extrativistas no Brasil, como o caso das catadoras de mangaba em Sergipe, relacionando a luta pela manutenção das comunidades tradicionais com a questão ambiental e a especulação imobiliária, enfatizando o papel das mulheres nesse processo.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

3. Sergipe tem sabor de mangaba de caída vendida na feira:

✓ Sergipe e a força das mangabeiras:

➤ **Analise a música, o artigo, o site, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- A luta das catadoras de mangaba em Sergipe pela demarcação de reservas extrativistas é uma questão social e ambiental. Explique essa situação.
- Quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres que trabalham com o extrativismo da mangaba em um contexto de crescente pressão da especulação imobiliária sobre as áreas de mangabeiras, sobretudo na região da Barra dos Coqueiros?
- “Boca de alto-falante bem de longe se escuta, com cesto na cabeça na praça ou na feira anuncia a fruta: olha a mangaba!” Interprete o que o trecho da canção fala sobre a mangaba economicamente.
- “Olha é de capota, ou é de caída, é adocicada, amadurecida...”. O que significa na canção a palavra caída?
- Como a resistência feminina no Brasil se articula com a luta por direitos humanos, pela preservação do meio ambiente e pela construção de um futuro mais sustentável para todos?

- Qual a relevância da fruta mangaba para as comunidades tradicionais da região nordeste?
- Você provou mangaba? Qual o uso culinário dessa fruta?
- Pesquise notícias envolvendo conflitos entre as catadoras de mangabas e os proprietários de terra.
- Como a resistência feminina no Brasil se manifesta na luta pela justiça ambiental, pela preservação da cultura tradicional e pela construção de um futuro mais sustentável para todos?
- Quem são as catadoras de mangabas em Sergipe? Onde vivem? Qual sua fonte de renda?
- Explique o que é o movimento das catadoras de mangaba?
- Explique qual a relevância social e ambiental do movimento das catadoras de mangaba?
- Fale sobre a associação das catadoras de mangaba existente no município de Indiaroba.
- Cite quatro municípios que tem comunidade tradicional.

Atividade extraclasse:

Os alunos fazerem uma pesquisa sobre as mulheres de sua ascendência buscando as diversas formas de resistência feminina ao tempo em suas famílias.

Avaliação:

Avaliar a participação dos alunos nos debates, apresentar trabalho em grupo sobre o tema, observar a qualidade dos trabalhos apresentados, a capacidade crítica e a reflexão sobre o tema.

Questão 4**Documento 1 – poema**

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA: a progressiva cidade do sertão sergipano

Tudo começou a partir do século XVII, com o tropeiro e boiadeiro que, temendo a floresta, pernoitavam na “boca da mata”.

Aos poucos, surgiu o povoado chamado Boca da Mata em terras pertencentes ao município de Gararu.

O pomposo e atual nome de Nossa Senhora da Glória se deve ao Padre Francisco Gonçalves Lima, que, junto com a comunidade, providenciou a imagem da santa como mesmo nome.

Em 26 de setembro de 1928, Nossa Senhora da Glória se emancipou de Gararu e passou a construir, com muita personalidade, sua história.

Por ser localizada em região privilegiada, de fácil acesso e dispor de várias potencialidades, a cidade é conhecida como Capital do Sertão e Capital Estadual do Leite, o que instiga os sentimentos de santo orgulho não só para seus filhos, como também para os que a visitam e a escolhem para nela residir.

Glória cresce a passos largos em todos os aspectos. Hoje, sua economia de base é bem diversificada. A abacateira é o carro-chefe da indústria, por isso é chamada de Capital Estadual do Leite, seguida da fabricação de móveis, colchões e calçados, a passo que o comércio se eleva à posição de destaque, oferecendo ambiente físico moderno e acolhedor, além de mercadorias de marcas preferidas para todos os gostos.

Com um comércio atraente, bate recorde em todos os seus produtos. Paralelamente, a feira livre atrai consumidores de todos os recantos do estado e de fora dele, deixando os boquinhos abertos. O conhecimento é a riqueza intelectual de um povo. Com o farol cultural e social, Glória segue com suas tradições, que são: folclore, teatro, bandas de música, quadrilhas, danças,

festival de música, Rock Sertão, cavalgadas, Carnaval forró, festa da padroeira, FLIG, Santos Reis, Rotary Fantasy e a culinária sertaneja.

Para incentivar e avançar as vertentes literárias, culturais e artísticas, contamos com a Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS) e, sobretudo, com a Academia Gloriense de Letras (AGL), com ações grandiosas, portanto a colheita tem sido abundante.

A evolução de Nossa Senhora da Glória na área da comunicação se deve ao avanço progressivo do homem e da sociedade, aliado às novas tecnologias.

No setor educacional, as escolas públicas e privadas, cada uma com sua abrangência, caminham em busca de um ensino de qualidade.

A Universidade Federal de Sergipe, como também as demais universidades, abriram um fecundo veio para se estudar. E a cultura, com novas formas de pensar, deu um aguinaldo, ampliando caminhos para a melhoria do homem sertanejo como cidadão.

No tocante à saúde pública, Glória possui um Hospital Regional e várias Clínicas de Saúde da Família, que carecem, entretanto, de recursos financeiros e humanos para

atender à demanda.

Uma mata foi o berço esplêndido da história do Povoado Boca da Mata, hoje Nossa Senhora da Glória, cidade próspera, simpática, organizada e aconchegante. Nela a civilidade é preponderante. A cada dia transforma a sua roupagem, contemplando vaidosamente o seu nome.

A querida Nossa Senhora da Glória espera por você.

Sousa, Leunira Batista Santos.

Título: Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano

Documento: Poema (texto literário)

Origem: SOUSA, Leunira Batista Santos. Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano. *Revista AGL/Academia Gloriense de Letras*, vol. 4, n. 4, 2023. Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras. Disponível em: <https://www.academiagloriensedeletras.org/revista-da-agl/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Crédito: Leunira Batista Santos Sousa

Palavras-chave: Nossa Senhora da Glória. Sertão sergipano. Literatura local.

O Poema

- Aponta os elementos culturais existentes no município intitulado como “Capital Estadual de Leite”.
- Resgata o seu processo de origem e a expansão do seu território elencando os fatores geográficos, históricos, culturais e modernos evidenciados ao longo da sua história como município.
- Apresenta o município em narrativa de poema convidando o leitor a visitá-la principalmente nos eventos e festas realizadas na cidade.
- Remete ao processo histórico e cultural da capital estadual do leite.

Comentário da questão

A questão aborda o expansionismo do município de Nossa Senhora da Glória – SE, que foi elevada à categoria de cidade em 26/09/1928. O povoamento da região ocorreu por volta do final do século XVIII e início do século XIX, impulsionado pela expansão da atividade agropecuária. Anteriormente mencionado Boca da Mata, uma localidade servida como ponto de parada para tropeiros, boiadeiros e viajantes.

Entre 2010 e 2022, a população do município cresceu 26,79%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupando a posição de segundo município de Sergipe com maior crescimento populacional. Conhecida como capital do sertão e capital estadual do leite, a cidade se transformou e, atualmente, conta com uma diversidade de atividades econômicas, que vão da agricultura, pecuária, indústrias e serviços a um comércio significativo. De cultura e tradições variadas, o

município se destaca no cenário cultural brasileiro, com ênfase em seus artistas locais, na quejada e na realização de eventos como o Rock Sertão e as atividades promovidas pela Academia Gloriense de Letras, entre outros.

Estudar a história do desenvolvimento de Nossa Senhora da Glória permite compreender as particularidades econômicas, políticas, sociais e culturais que moldaram o município em um contexto local e regional. Vale destacar a importância do reconhecimento da identidade local, bem como do conhecimento e da preservação do patrimônio histórico e cultural, que reforçam o fortalecimento do senso de pertencimento da comunidade.

Além disso, o trabalho com fontes históricas, relatos orais e fotografias amplia as habilidades de pesquisa e interpretação histórica dos alunos, estimula a reflexão crítica sobre os processos de transformação social e os desafios contemporâneos enfrentados pela região, dando ênfase à memória coletiva e ao desenvolvimento sustentável do município.

Viviane Andrada dos Passos

Colégio Estadual Cícero Bezerra Escola Municipal Tiradentes

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 04, no poema, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Apresentar a cultura, a história, a sociedade e a economia do município de Nossa Senhora da Glória, no sertão sergipano mediante uso da arte literária do local – um poema.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

4. Entre a feira e o leite:

✓ Sergipe nos versos leiteros:

➤ **Analise o poema, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Fale sobre a história de Nossa Senhora da Glória.
- Quem é a autora do poema “NOSSASENHORADAGLÓRIA: a progressiva cidade do sertão sergipano”?
- Cite dois títulos que são atribuídos a Nossa Senhora da Glória?
- Qual o principal pilar econômico de Nossa Senhora da Glória atualmente?
- A feira livre de Nossa Senhora da Glória é uma das mais famosas do estado, recebe muitos fregueses de outras regiões. Por qual(is) motivo(s) isso ocorre?
- Cite três tradições culturais de Nossa Senhora da Glória?
- Explique o que é a FLIG? Aproveite e conte um pouco de sua história e de sua importância no cenário cultural sergipano.
- Quais significam as siglas ALAS E AGL?
- Qual universidade pública existe em Nossa Senhora da Glória?
- Qual a mensagem o poema sobre Nossa Senhora da Glória deseja passar para o seu leitor?

Atividade extraclasse:

Os alunos pesquisarem se na comunidade deles e na escola tem um poeta e levar uma poesia dele para a aula.

Avaliação:

Em grupo, ou individualmente, os alunos devem apresentar pesquisas realizadas sobre suas localidades.

Questão 5**Documento 1 – artigo on-line**

Negra, migrante, nordestina e mulher, a historiadora Beatriz Nascimento (1942- 1995)

foi uma das principais intelectuais do país, com contribuições fundamentais para entender a identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial. Ela desenvolveu pesquisas sobre o que denominou de “sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras”, investigando dos quilombos às favelas. A partir desta quinta-feira (20), Beatriz dá nome ao “Atlânticas – Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência”, primeiro programa do governo federal direcionado exclusivamente a mulheres cientistas negras, indígenas, quilombolas e ciganas.

Segundo a Enciclopédia de Antropologia da Universidade de São Paulo, Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju. É a oitava filha de Rubina Pereira do Nascimento e Francisco Xavier do Nascimento, que migraram para a cidade do Rio de Janeiro no final de 1949. Ela ingressou no curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 1968, concluindo a graduação em 1971, aos 29 anos de idade. Sob orientação do historiador José Honório Rodrigues, ela realizou estágio de pesquisa no Arquivo Nacional e trabalhou como professora de história da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

A historiadora se especializou em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF) quando, em 1974, participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Com o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980), a filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o jornalista Hamilton Cardoso (1953-1999), ela partilhou pesquisas e militâncias.

Durante a Quinzena do Negro, evento ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) em 1977, Beatriz apresentou a conferência Historiografia do quilombo, delineando os contornos do que ela desenvolveria, posteriormente, como espaços de resistência cultural negra: dos bailes blacks aos territórios de favelas, esses espaços constituiriam uma identidade negra como instrumento de autoafirmação racial, intelectual e existencial, além de território simbólico ancorado no próprio corpo negro.

Em 1979, em viagem ao continente africano, a autora conheceu territórios de antigos quilombos angolanos e reafirmou a vinculação entre as culturas negras brasileira e africana. No documentário *Ôrí*, lançado em 1989, dirigido pela cineasta e socióloga Raquel Gerber, Beatriz narra parte da trajetória dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988, ancorando-se no conceito do quilombo como ideia fundamental, que atravessa sua própria narrativa biográfica, para retratar continuidades históricas entre o quilombo e suas redefinições nos dias atuais.

Beatriz escreveu uma série de textos, poemas, roteiros, ensaios e estudos teóricos, entre os quais se destacam *Por uma história do homem negro* (1974); *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso* (1982) e *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985).

Em 1995, a historiadora é vítima de feminicídio, aos 52 anos de idade. Pelas suas importantes contribuições à pesquisa acadêmica, em outubro de 2021 é outorgado a ela o título póstumo de Doutora Honoris Causa in Memoriam pela UFRJ. Ao lado de Lélia Gonzalez (1935-1994), Sueli Carneiro (1950-) e Luiza Bairos (1953-2016), Beatriz figura como uma das mais importantes intelectuais negras brasileiras.

“Beatriz Nascimento é uma das intelectuais mais brilhantes que esse país já teve e que, infelizmente, teve a vida interrompida de maneira muito precoce em razão do feminicídio”, ressalta a professora de História e mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, Luana Tolentino. De acordo com esta, a historiadora é uma grande inspiração para as pesquisadoras negras. “Beatriz Nascimento abriu portas para que a minha geração pudesse entrar. Sou da década de 1980, então sou dessa geração que tem tido a oportunidade de exercer o direito de estar na universidade também em função da política de cotas. A luta contra o racismo da Beatriz Nascimento foi fundamental para construção dessas políticas públicas de promoção da igualdade racial e também como um incentivo, um farol para nós pesquisadoras negras, mulheres negras”, diz.

As pesquisadoras negras precisam enfrentar diversos desafios, afirma Tolentino. “O primeiro desafio é justamente o racismo que orienta a sociedade brasileira, que dificulta de todas as maneiras o acesso das mulheres negras à universidade. Temos a política de cotas, que é um marco na história do país e que, sem sombra de dúvidas, tem sido fundamental para dar novos contornos, novas cores à universidade, mas ao mesmo tempo, há uma série de barreiras que dificultam o acesso das mulheres negras ao ensino básico. Entre os grupos sociais que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, as mulheres negras são maioria”, explica Luana Tolentino.

O outro ponto destacado pela professora é que, ao chegar na universidade, as pesquisadoras precisam enfrentar o olhar de desconfiança, também motivado pelo racismo, com o qual são vistas.

“Vivemos em um país em que ainda há uma expectativa de que, nós mulheres negras, estamos nesse mundo apenas para servir e limpar a sujeira dos outros. Estamos em um país

que ainda tem dificuldade de pensar nas mulheres negras como pesquisadoras, como intelectuais, como produtoras de conhecimento. Mas, apesar de tudo isso, nós estamos em um número muito significativo na universidade, acho que como Beatriz Nascimento sonhou. Nós que já estamos [na universidade] precisamos assumir o compromisso de abrir tantas outras portas para que outras mulheres negras possam entrar e garantir o direito humano à educação e ao ensino superior”.

Título: Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas

Tipo: Artigo online

Origem: Geledés Instituto da Mulher Negra. Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Palavras-chave: Beatriz Nascimento, intelectual negra, cientistas, movimento negro, história afro-brasileira.

Crédito: Ludmilla Souza

Sobre Beatriz Nascimento:

- a) O legado de Beatriz Nascimento inspira as novas gerações a reconhecer a importância da história na construção da identidade negra e na luta por direitos. A abordagem de Beatriz em relação à autoafirmação racial e à resistência cultural não tem relevância, pois encoraja as mulheres negras a se posicionarem como intelectuais e produtoras de conhecimento, desafiando estereótipos e abrindo portas para outras mulheres.
- b) Beatriz Nascimento abordou as intersecções entre raça, gênero e classe em sua luta por direitos, reconhecendo que as mulheres negras enfrentam desafios específicos que envolvem a combinação dessas opressões. Sua trajetória e suas contribuições acadêmicas servem como um modelo de resistência e autoafirmação, essencial para a luta por igualdade.
- c) Fatores históricos e sociais, como a luta incessante de intelectuais negras, incluindo Beatriz Nascimento, foram fundamentais para a formação das políticas de cotas e a inserção de mulheres negras na academia brasileira.
- d) Por meio de suas pesquisas, Nascimento destacou a importância de espaços de resistência, como quilombos e favelas, e como esses locais contribuíram para a formação de uma identidade negra afirmativa.

Comentário da questão

A questão aborda a trajetória e o legado de Beatriz Nascimento, destacando-a como uma importante historiadora e intelectual negra que se dedica a temas como identidade, resistência cultural e os impactos das opressões de raça, gênero, classe e ao movimento negro. Suas pesquisas sobre quilombos e outros espaços de resistência cultural negra ressaltam a contribuição histórica desses locais para a formação de uma identidade afirmativa e para a luta por igualdade racial e social no Brasil. Além disso, sua obra foi fundamental na discussão sobre políticas públicas, como as cotas raciais, que abriram caminhos para novas gerações de pesquisadores negros nas academias.

Essa abordagem tem uma relação direta com o ensino de história, especialmente no cumprimento da Lei 10.639/2003, que obriga o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Beatriz Nascimento oferece uma perspectiva importante para compreender a resistência dos povos africanos no Brasil e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. Sua obra amplia o olhar para além da opressão, destacando a construção de sistemas alternativos e espaços de protagonismo negro, como os quilombos, que continuam sendo referência para debates sobre igualdade e resistência.

Na sala de aula, a história de Beatriz pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, conectando história, geografia, sociologia e literatura. A análise de textos como "O conceito de quilombo e a resistência cultural negra" pode estimular debates sobre racismo estrutural e institucional, políticas de reparação e o papel da mulher negra como produtora de conhecimento. Além disso, atividades práticas, como rodas de conversa ou produção de textos, podem estimular os estudantes a refletirem sobre os desafios e as conquistas da luta antirracista, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica sobre as questões étnico-raciais no Brasil.

Profa. Eliana Dias Ferreira Oliveira Mestra em Ensino de História

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 05, no texto de Beatriz Nascimento, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Entender a importância da pesquisa da sergipana Beatriz Nascimento na formação da identidade negra e do movimento negro no Brasil, destacando a relevância da história contada pelos seus e da resistência cultural como ferramentas de autoafirmação.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

5. Entre a opressão e a resistência:

✓ Os quilombos sergipanos:

➤ **Analise o texto, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Fale sobre a história da sergipana Beatriz Nascimento e qual sua importância para a história do Brasil.
- Enquanto mulher pobre e negra, quais obstáculos Beatriz Nascimento venceu para chegar à universidade?
- O que Beatriz enfrentou em sua trajetória como intelectual negra?
- Por que a morte de Beatriz pode ser considerada feminicídio?
- Faça a ligação entre a trajetória de Beatriz e o movimento negro no Brasil.
- Qual a relevância acadêmica e social do "Atlânticas - Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência" para a valorização das mulheres negras na ciência?
- Explique o que é um quilombo.
- Qual o conceito de quilombo na obra de Beatriz Nascimento?
- Por qual motivo os estudos de Beatriz Nascimento sobre os quilombos contribuiu para a valorização da cultura e da identidade negra no Brasil?
- Pesquise sobre Ori, de Beatriz Nascimento, e fale sobre sua importância.

- De que forma a obra e vida de Beatriz Nascimento dialoga com o feminismo negro e com a luta das mulheres negras contra o racismo e o machismo?
- Como a obra de Beatriz Nascimento contribuiu para a construção de uma identidade negra positiva e fortalecida?

Atividade extraclasse:

Pesquisar sobre comunidades remanescentes quilombolas em Sergipe, identificando sua história, cultura e desafios atuais.

Avaliação:

Em um texto ou apresentação, destacar como essas comunidades representam a resistência cultural e a identidade negra.

FASE 3**Questão 1****Documento 1 – fotografia**

Título: Arthur Bispo do Rosário

Tipo: Fotografia

Origem: Praça do município de Japaratuba-SE. Acervo da OEHSE.

Crédito: Acervo OEHSE

Documento 2 – texto literário**Trecho do conto “Manto da Apresentação” de Itamar Vieira Júnior:**

“... e tuas mãos te guiarão através do mundo, tuas mãos de fogo e sangue bordarão esse mundo, como eu, a voz, bordei o mundo que te trouxe até a colônia, o mundo que te fez retirar do mundo, te trouxe até aqui, onde refundarás (...) não debes vestir o roto uniforme da colônia, nem as roupas vãs que guardam a nudez sobre a terra, deverás te apresentar com um manto divino, bordado com toda a delicadeza das tuas mãos, com toda a sensibilidade da tua arte, porque o poderoso bordou o mundo com a delicadeza da arte, assim o fez e debes te cobrir com o manto, que consumirá muitos dias e noites de trabalho (...) cada coisa que vier à tua lembrança, para que sejas vigoroso, não te deve ser bordado, o manto será uma arca que te vestirá, onde as coisas do mundo embarcarão para que o dia do juízo não seja esquecido” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 145-146).

Título: Trecho de “Manto da Apresentação”

Tipo: Texto literário

Origem: VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramarou a Odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 145-146.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Itamar Vieira Júnior, Artur Bispo do Rosário.

Crédito: Itamar Vieira Júnior

Sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário

a) A produção do artista de Arthur Bispo do Rosário é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o mundo se rendeu a arte de Bispo. Sua arte traz o cotidiano, uma colher ou um caneco de alumínio, são elementos do cotidiano, ele ainda faz um manto com o qual se apresentaria a Deus. O manto traz bordado nomes de pessoas pelas quais ele queria interceder junto a Deus. Segundo Arthur a arte por ele produzida era uma imposição das vozes que ele ouvia. É um dos maiores artistas do século XX.

b) Sua arte foi despertada e desenvolvida na colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro durante as sessões de terapia artística com a Dr^a Nise da Silveira. Sua arte foi construída com

todo tipo de material que ele encontrava de caneca, madeira, tecido, entre outros.

c) Arthur Bispo do Rosário, que carregava todos os estigmas de marginalização social ainda vigentes em nossa sociedade – negro, pobre, louco, asilado em um manicômio – consegue, na sua genialidade, subverter a lógica excludente propondo, a partir da sua obra, a ressignificação do universo, para ser reunido e apresentado no dia do juízo final.

d) Ao longo dos 50 anos mantido em um manicômio no Rio de Janeiro, Bispo do Rosário acreditava ter visto descendo do céu sete anjos, antes disso foi boxeador e passou pela escola de aprendizes de marinho em Aracaju, no ano de 1925, é oriundo de uma família de Japaratuba município de Sergipe.

Comentário da questão

Arthur Bispo do Rosário e Itamar Vieira Júnior são figuras centrais para reflexões sobre o Brasil contemporâneo, cada um com sua contribuição. O último, em obras como *Torto Arado* e *Salvar o Fogo*, expõe as profundas marcas do racismo estrutural, da desigualdade social e do legado do escravocrata na sociedade brasileira. Ele revisita as experiências de comunidades quilombolas e marginalizadas, abordando a luta pela terra, a exploração de recursos naturais e as intersecções entre racismo, patriarcado e opressão social. Além disso, valoriza a espiritualidade e a cultura afro-brasileira em contextos rurais, evidenciando as memórias e resistências históricas dessas comunidades.

Por seu turno, a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário refletem resistência, criatividade e uma crítica às estruturas de exclusão social e racial no Brasil. Como um homem negro, nordestino e em situação de vulnerabilidade, Bispo enfrentou o racismo estrutural e a marginalização, vivendo grande parte de sua vida em um hospital psiquiátrico. Sua arte foi por muito tempo ignorada, sendo vista apenas como reflexo de sua condição mental, evidenciando preconceitos que desumanizam indivíduos negros e pobres no mundo.

Utilizando materiais simples e reciclados, Bispo transformou o descartado em arte, reinterpretando símbolos religiosos e culturais de forma única. Suas criações abordam temas de identidade, memória e espiritualidade afro-brasileira, desafiando os padrões elitistas da arte e destacando a força cultural das comunidades negras. A resiliência de sua produção artística exemplifica uma forma de resistência que conecta a arte à luta contra a exclusão e à preservação.

Reconhecer apenas a própria morte, sua obra questiona as convenções do que é considerado arte e quem tem o direito de produzi-la. Bispo promove uma descolonização do olhar artístico ao evidenciar que a criatividade e a contribuição cultural transcendem as normas eurocêntricas. Sua trajetória levanta debates sobre o racismo na psiquiatria e na sociedade, além de inspirar reflexões sobre como histórias de exclusão podem ser ressignificadas pela arte e pela memória.

No ambiente escolar, a trajetória de Bispo é um recurso pedagógico para discutir temas como racismo, marginalização e espiritualidade afro-brasileira. Por meio de atividades práticas e interdisciplinares, é possível incentivar os estudantes a refletirem sobre conceitos de identidade, memória e pertencimento, questionando preconceitos enraizados. Assim, a proposta de criar uma “arte decolonial” nos moldes de Bispo, reforça o protagonismo das vozes marginalizadas, enquanto projetos de arte e história oferecem aos jovens uma compreensão crítica das estruturas sociais que perpetuam a exclusão, promovendo maior valorização da diversidade cultural do Brasil.

Profa. Flávia dos Santos Andrade
Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg
Japaratuba-SE

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 01, na fotografia, no texto de Itamar Vieira Júnior, da fase 02 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

A produção de um artista, os textos de um escritor e os monumentos urbanos, todos são recursos importantes para o ensino de história. As narrativas literárias expressam memórias coletivas, descrevem hábitos e constroem uma identidade cultural. Essas representações visíveis permitem aos alunos reflexões sobre temas sensíveis como a arte de Arthur Bispo do Rosário, que dialoga com exclusão social, identidade e memória. O que trabalha nos educandos um olhar mais crítico sobre a construção da história, incentivando o pensamento reflexivo e a valorização da diversidade cultural.

Objetivo:

Compreender a história e a arte de Arthur Bispo do Rosário, ligar a identidade cultural e refletir sobre arte, ancestralidade, decolonialidade, exclusão social e a história da psiquiatria no Brasil.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

6. Entre a loucura e a arte:

✓ O manto da salvação, a arte para vida:

➤ **Analise a fotografia, o texto, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Quem foi Arthur Bispo de Rosário?
- Pesquise e escreva sobre a história dele.
- Qual a ligação de Bispo de Rosário com a Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro?
- A fotografia retrata um monumento urbano que fica localizado em qual município sergipano?
- Onde estão as obras de Arthur Bispo atualmente?
- A partir da história de Arthur Bispo do Rosário, pesquise sobre a trajetória da psiquiatria no Brasil e analise como os pacientes eram tratados ao longo das cinco décadas em que Bispo viveu na Colônia Juliano Moreira.
- Como podemos ligar a história e a obra de Arthur Bispo do Rosário à exclusão e marginalização social?
- Arthur Bispo do Rosário tem uma construção artística respeitada em todo o mundo. O que caracteriza sua arte?
- Quais elementos do cotidiano estão presentes na obra de Arthur Bispo?
- No cenário cultural brasileiro, qual a importância da obra de Arthur Bispo?
- De qual livro o trecho do conto foi retirado?

- De que forma a arte de Bispo se opõe à arte tradicional?
- Como o *Manto da Apresentação*, arte icônica de Bispo do Rosário, pode ser considerado como um registro de memória e identidade?
- Pesquise sobre Arte Decolonial e explique como a arte de Bispo pode ser inserida nessa perspectiva.
- Sobre o trecho do conto o *Manto da Apresentação*, de Itamar Vieira Júnior, mencione o simbolismo do trecho do bordado com a identidade cultural de Bispo.

Atividade extraclasse:

A partir de material reciclável da sua casa, produza artes e faça uma exposição na escola. Além disso, cada aluno escreverá um pequeno texto explicando o significado da sua criação.

Avaliação:

Uma leitura coletiva e a interpretação do conto *Manto da Apresentação*, de Itamar Vieira Júnior, com cada aluno partilhando suas impressões sobre o texto.

Questão 02

Documento 1 - Texto Literário

O hotel, da melhor categoria. Porteiro de libré, boys de farda taaazule experientes no carregar a bagagem, no saguão recepcionistas mais do que atenciosos, de cortesia à la britânica; assessores ultramodernos; apartamentos espaçosos, de saleta com pequeno sofá e duas poltronas de luxo, quartos amplos com armários embutidos; no quarto fofo tapete, cortinas, que aprovaria qualquer decorador exigente. E o mocinho que abriu a porta e depositou a mala:

-Ligo o aparelho de ar condicionado? Tem regulador para aumentar ou diminuir.

Aquela televisão é pequena, mas com imagem perfeita. É só girar o primeiro botãozinho e acende. Aqui nesta geladeira de abrir por cima, tem de tudo; mineral, refrigerante, cerveja em lata. Ainda não fechou o restaurante no terraço; mas, se preferir jantar no apartamento, use o

telefone interno, é só discar o número 2; o maître vem logo com a carta; outra coisa, o número 3 é o da copa serve dia e noite, noite inteirinha...

Demanhã, malacordei, aquela dúvida: suspendo ou não suspendo a cortina, abro ou não a janela?...

Lá do décimo pavimento do hotel, em posição sobranceira, meus olhos passaram, por cima dos prédios na vizinhança e foram dar em cheio com a cena jovial do “rião”.

Título: Trecho de *Um menino sergipano*

Tipo: Texto literário

Origem: AMADO, G. Um menino sergipano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Sergipe, Hotel Palace, Vida urbana.

Crédito: Genolino Amado

Documento 2 – Print de tela: Jornal noticiando a inauguração do Hotel Palace



Documentário: ÉRAMOS PALACE.

Título: Documentário Éramos Palace

Tipo: Documentário

Origem: Costa, Pedro. Éramos Palace. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=link_do_video. 29mar2019. Acesso em: 20set. 2024.

Palavras-chave: Documentário, Hotel Palace, História.

Crédito: Pedro Costa

Acercado patrimônio sergipano descrito na narrativa de Genolino Amado:

- a) O texto é um trecho do livro “Um Menino Sergipano” que descreve o Hotel Palace de Aracaju, e narra o reencontro do autor com a paisagem do rio Sergipe.
- b) O autor sergipano, Genolino Amado, fala sobre sua vida na Inglaterra na década de 70 do século XX e da sua saudade de Aracaju.
- c) O texto retirado do livro “Um Menino Sergipano”, descreve o Hotel Palace de Aracaju em 1973, apesar da importância arquitetônica que tem para a capital sergipana, atualmente, o edifício encontra-se em processo avançado de degradação, fato que acomete outras importantes obras arquitetônicas do centro histórico aracajuano. Uma situação que atinge diversos centros históricos no Brasil.
- d) Além de todos os elementos descritos por Genolino Amado, o Hotel Palace de Aracaju contava com intervenções artísticas como o mural em arco representando a chegada da família real ao Brasil em 1808, de autoria do artista plástico aracajuano Jenner Augusto que se encontra no hall do Teatro Atheneu desde 2004.

Comentário da questão

A questão sobre o Hotel Palace, importante edifício da região central de Aracaju, representou um olhar sensível para a questão sobre o patrimônio material do nosso estado. Os dois documentos disponibilizados para análise, trouxeram a possibilidade de os alunos transferirem para um momento histórico distinto – período em que as edificações aracajuanas ainda eram modestas e sem muitas distinções. Ou seja, a discussão com os estudantes chegou a um questionamento comum e de grande urgência: “Qual o motivo do abandono do prédio?”.

Em primeira análise, os discentes acolheram bem a ideia de debater sobre tal edificação. Logo, surgiram questionamentos como: “Quantos personagens históricos já se hospedaram nele?”, “Será quem não tem como encontrar fotos de pessoas da nossa cultura ou até mesmo de fora de Sergipe nele?”. De todo modo, a angústia foi descobrir a importância do Hotel Palace e saber do seu estado atual.

O debate sobre patrimônio foi algo que cercou o imaginário das equipes que orientei, tanto que, em uma das tarefas, debateu-se acerca do prédio da Estação Ferroviária de Aracaju. Com isso, as análises se voltaram para a ideia: “Eu conheço minha cidade?”. Os alunos sentiram na obrigação de buscar fotos e entender algumas

regiões como, por exemplo, as remanescentes edificações das fábricas do Bairro Industrial. Assim, buscando responder o questionamento da Olimpíada, eles se direcionaram para as alternativas com a ideia de um patrimônio extremamente importante, que conta muito da modernização em Sergipe, mas que não recebe o devido valor.

Portanto, os estudantes puderam refletir sobre edificações outrora significantes e seu estado de abandono atual. Situação essa que atinge outros monumentos sergipanos, fato compatível com as colocações que os estudantes propuseram no debate. Representando, desse modo, uma excelente forma de abordagem sobre patrimônio material no estado, possibilitando a reflexão de um pertencimento e a necessidade do zelo das instituições competentes, para que, dessa forma, esse patrimônio não caia no esquecimento e preserve a sua estrutura e memória.

Prof. Lucas Caririda Silva Santana
Colégio CEME

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 02, no documento 01, texto literário, documento 2, recorte de jornais e documento 3, documentário, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

A literatura, as produções audiovisuais e o patrimônio histórico são ferramentas preciosas para o ensino de história, pois através delas os alunos entendem o passado de forma mais viva, sensível e significativa, o que possibilita o fortalecimento da identidade cultural de um povo. Por seu turno, o patrimônio arquitetônico, monumentos, edifícios são vestígios do passado de uma sociedade que trazem reflexões sobre memória, identidade e pertencimento e pode-se pensar sobre as mudanças dos espaços de seus municípios. A literatura, por exemplo, fala de épocas históricas, reproduz vivências de momentos e espaços distintos, a história dos personagens envolve os educandos de forma sensível, o que possibilita uma aproximação emocional com o contexto histórico narrado.

Objetivo:

Compreender a importância da literatura local, das produções audiovisuais e do patrimônio histórico para a sociedade, como fonte de conhecimento histórico e social, incentivar o pensamento crítico e a valorização da cultura local nos alunos.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A prosa e prédios em uma Aracaju de outrora:

- ✓ Pensando Sergipe entre a literatura saudosista e os edifícios que contam história:

➤ **Analise o texto literário, o documentário, a matéria do jornal, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Quem é o autor do livro *Um Menino Sergipano*?
- Leia o trecho do livro *Um Menino Sergipano* e cite os elementos indicam sofisticação.
- Como o Hotel Palace é caracterizado pelo autor?
- Você sergipano, qual a sensação ao ler o trecho onde o autor fala com a paisagem do “rião”? A qual rio ele se refere? E qual o rio mais importante do seu município?
- Qual é o sentimento do narrador ao falar do rio?
- O texto tem uma narrativa de memória afetiva, cite uma memória afetiva sua.
- Leia o texto, a notícia do jornal, assista o documentário e fale sobre a atual situação do Hotel Palace.
- Pesquise a situação da preservação dos patrimônios arquitetônicos do centro de Aracaju.
- Cite três edifícios históricos de Aracaju que enfrentam um processo de degradação semelhante ao do Hotel Palace?
- Qual a relação entre Hotel Palace, o artista Jenner Augusto e o teatro Atheneu?

- O que a degradação do Hotel Palace revela sobre a relação do poder público com o patrimônio histórico?
- Como a narração emotiva do autor do livro *Um Menino Sergipano* nos ensina sobre a importância a valorização do patrimônio material?
- Como o estudo e a preservação do patrimônio podem contribuir para a identidade cultural da população?

Atividade extraclasse:

Os alunos irão catalogar o patrimônio arquitetônico local em estado precário de conservação.

Avaliação:

Em equipe, os alunos irão apresentar uma obra literária ou um audiovisual de temática de autor local.

Questão 03**Documento1 – Jornal**



José Vieira da Cruz * Historiador

Brasil, democracia e a violência política

Na relação entre o Estado e a sociedade, garantir a segurança individual e coletiva é um princípio fundamental. Mas, quando ocorre a extrapolação dos agentes de segurança, o Estado é questionado. Neste sentido, acontecimentos como os que ocorreram durante o período da ditadura civil-militar, dentre os quais o caso do sindicalista Milton Coelho que perdeu a visão em sessões de tortura, são assustadores – pois os direitos humanos são desconhecidos, esquecidos e a confiança da população no Estado e em seu poder de promover a segurança pública é abalada.

Recentemente, uma manifestação democrática e ordeira contra posturas, atos e medidas do governo federal também foi duramente reprimida pelo Estado, através de seus órgãos de segurança. As duas ações, embora ocorridas em momentos históricos diferentes e distintos, tiveram resultados semelhantes: a perda da visão de cidadãos indefesos e a afronta aos direitos humanos e à sociedade. O primeiro caso, Milton Coelho de Carvalho ficou cego, no segundo, um cidadão perdeu a visão do olho direito e o outro, a do esquerdo. Diante destes fatos, o que esperar, na atualidade, de um governo democrático?

A não identificação, responsabilização e punição de atos de violência política é um risco para a democracia. Em torno desta reflexão, não bastassem a tragédia das centenas de milhares de mortes provocadas pela pandemia do Covid-19, temos assistido

ataques às instituições democráticas, repressão política baseada no espectro da Lei da Segurança Nacional e, como consequência, ameaças às liberdades coletivas e à banalização da vida. Frente a esta dura constatação apresentamos uma reflexão acerca dos dois acontecimentos acima citados, pois possuem profundos significados.

O primeiro deles foi extraído do memorando nº 667/1985, enviado pelo Gabinete do Ministro do Sistema Nacional de Informação (SNI) para o Centro de Informações do Exército (CIE), mais conhecido como CiEx, em 17 maio de 1985. O assunto mencionado foi o processo movido por Milton Coelho de Carvalho – funcionário da Petróbras, sindicalista, comunista, “ex-preso” político e classificado pelos órgãos da segurança e informações como “subversivo”.

Na petição inicial, Carvalho requereu do Estado Brasileiro indenização pela cegueira permanente da qual foi acometido em decorrência do seu sequestro, prisão e tortura sofridas por ele durante a denominada Operação Cajueiro, realizada em Aracaju, Sergipe, no dia 20 fevereiro de 1976, sob as determinações do General Adir Fluzza de Castro, Comandante da 6ª Região Militar do Exército Brasileiro, no contexto da ditadura civil-militar.

O referido processo, movido junto à 5ª Vara da Justiça Federal na Bahia, foi apresentado pela advogada Romilda Noblat, conhecida por desempenhar um papel fundamental na defesa dos direitos dos presos políticos.

As testemunhas, neste processo, foram o deputado federal Jackson Barreto de Lima – no então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB/SE) –, o advogado e presidente do Clube Esportivo Cotinguiba Wellington Dantas Manguiera Marques e o candidato a governador do Estado Marcelo A. Bonfim Rocha – na época no Partido dos Trabalhadores (PT/SE). Eles, identificaram por unanimidade, conforme o memorando, o Coronel “Oscar” e o Major “Ribeiro”, que no período em que a ação foi movida, estavam destacando no 1º Exército, no Rio de Janeiro/RJ, como responsáveis pelas lesões físicas e emocionais deferidas contra Carvalho. No memorando, a autoridade do SNI registra a afirmação das testemunhas quanto aos nomes do mencionado Coronel e do Major como “factícios (sic)” responsáveis pelos atos de tortura, lesão e mutilação.

O memorando, disponível no acervo do Arquivo Nacional, também destaca o comentário atribuído pela imprensa ao Procurador da República, João Oliveira Maia, que após examinar os autos do processo teria dito: “Não havia o que defender”, após a audiência transcorrida em 15 de abril de 1985. Uma avaliação em si bastante reveladora do significado do caso.

A evocação desse ato bárbaro, de triste memória, ajuda a compreender a gravidade da repressão policial imposta, em outro acontecimento, a dois cidadãos brasileiros, no sábado, 29 de maio de 2021, em Recife, Pernambuco, por ocasião das manifesta-

ções pacíficas em prol de mais vagas, para auxílio emergencial de R\$ 600,00 e contra a política negacionista do atual governo federal.

No episódio ocorrido em Pernambuco, em flagrante cena de abuso de autoridade uma vereadora ficou inconsciente – após ser atingida com espere de pimenta – e dois cidadãos que transitavam pelo local foram atingidos no rosto e sofreram mutilações nos olhos. Eles foram atingidos sem justificativa, a queima roupa e a curta distância por balas de borracha disparadas por agentes das forças de segurança pública que reprimiam as manifestações.

Nos dois lamentáveis acontecimentos – na operação de repressão militar denominada de “Cajueiro” e nas recentes manifestações contra o negacionismo, à pandemia e à atual crise econômica-social –, além da mutilação física e da, consequente, necessidade de assistência e de indenização às vítimas, observa-se, em ambos, a persistência da sensação de impunidade dos responsáveis que agem ancorados em um falso, distorcido e equivocado entendimento das leis, da ordem social e do Estado Democrático.

No primeiro acontecimento, a operação militar de caráter secreto, baseado na Lei de Segurança Nacional, sequestrou, prendeu e torturou, conforme registros, cerca de 29 pessoas. Posteriormente, estes presos políticos foram salvos graças às denúncias realizadas pela imprensa que vazou informações dos sequestros promovidos pela

referida operação. Anos depois, alguns dos responsáveis pela operação foram “identificados”, mas não foram punidos.

Já no segundo acontecimento, recentemente transcorrido sob as lentes dos meios convencionais de comunicação e das redes sociais, as autoridades da segurança pública de Pernambuco ainda não anunciaram os agentes responsáveis e, sobretudo, não identificaram de quem partiu a ordem para reprimir, atrair e mutilar transeuntes e participantes da manifestação democrática, ordeira e pacífica.

Diante disso, cabem aqui alguns questionamentos. Teria sido, então, os disparos do espere de pimenta e das balas de borracha um ato de insubordinação? Houve omissão do comando e das demais autoridades? Quem assumirá a responsabilidade pelo cerceamento da liberdade de manifestação e pelas mutilações?

Seja qual for a razão – indisciplina, comando ou insensatez –, os graves atos mencionados atentam contra cidadãos indefesos, contra os direitos humanos e contra o Estado Democrático de Direito. E, como sabemos, não é preciso colocar a mão no fogo e nem dobrar a aposta, para avaliar as consequências de práticas de violência política impunes a partir de ações de alguns agentes de segurança. Não há defesa para atos desta natureza, bem como, de nenhuma outra forma de violência. Portanto, precisamos ficar atentos, solidários e dispostos a criticar, rejeitar e se opor a todo tipo de barbárie contra cidadãos, a sociedade e a democracia.

Roberto Moraes * Engenheiro

Título: Brasil, democracia e a violência política

Tipo: Jornal O Dia Alagoas

Origem: Jornal o Dia Alagoas. Cruz, José Vieira da. Brasil, democracia e violência política. Disponível em: [Brasil, democracia e violência política \(1\).pdf](#) Acesso em 13 out 2024.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Violência Política. Sergipe.

Crédito: José Vieira da Cruz

Documento 2 – Jornal

Palavras-chave: Ditadura Militar. Operação Cajueiro. Ex-preso político.

Crédito: Jornal da Cidade

Documento 3 – Vídeoreportagem

<https://globoplay.globo.com/v/12527194/>

Título: Corpode ex-combatente da Ditadura Militar Milton Coelho é velado em Aracaju

Tipo: Vídeo reportagem

Origem: G1 Sergipe. Disponível em: SETV 2ª Edição | Corpode ex-combatente da Ditadura Militar Milton Coelho é velado em Aracaju | Globoplay

Palavras-chave: Milton Coelho, Ditadura Militar, violência militar, ex-combatente, Aracaju

Crédito: G1 Sergipe

Considere o contexto histórico de Sergipe durante a Ditadura Militar

- a) A atuação de Milton Coelho foi marcada pela isenção política, com foco em temas culturais e esportivos, sem envolvimento em questões de repressão política ou violência militar.
- b) Durante a Ditadura Militar, a violência política em Sergipe se manifestou através da censura à imprensa, prisões arbitrárias e perseguição de opositores ao regime. Milton Coelho foi uma figura pública que viveu nesse contexto, testemunhando essas transformações políticas.
- c) A violência política durante o regime militar em Sergipe refletiu as tensões nacionais, com perseguições a jornalistas e políticos locais. Milton Coelho, como membro ativo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), teve sua trajetória impactada por esse cenário, tendo que atuar sob censura e controle militar.
- d) A trajetória de Milton Coelho revela a complexa interação entre a resistência e a repressão militar em Sergipe, onde a violência política buscou silenciar vozes dissidentes e moldou a atuação de figuras públicas que, como ele, tiveram de atuar em um ambiente de censura e coerção.

Comentário da questão

Em relação aos elementos abordados nessa questão, os consideramos de vital importância para a compreensão do período sombrio que foi a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Através dessa questão, um tema da História Nacional pode ser estudado de uma forma mais aprofundada e com a inclusão de uma perspectiva local dos acontecimentos, análise de fontes históricas e reflexão da repressão, censura e resistência que ocorreram no período.

A abordagem é fundamental para conhecermos a participação sergipana no processo de luta contra o Regime autoritário e perceber que Sergipe não passou em branco, não aceitou calado as ações que nos foram impostas pelos militares e seus apoiadores, sendo imprescindível (re)conhecer nossa participação no movimento pelo retorno da Democracia.

Prof. Luciano Santana
Prof. Horácio Lima dos Santos Filho
Centro de Excelência Deputado Jonas Amaral

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 03, nos documentos disponibilizados da fase 03 da 1ª OEHS e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

O uso de jornais no ensino de história oportuniza benefícios pedagógicos aos alunos. Eles são fontes primárias que possibilitam o contato com fatos históricos interpretados pelos olhos que os vivenciaram e oferece diferentes perspectivas sobre um mesmo acontecimento e uma visão multifacetada da sociedade.

Eles são recursos didáticos versáteis e podem ter diversas utilizações no ensino de história permitindo melhor entendimento do passado. Além disso, por meio deles, pode-se analisar propagandas, artigos, fotografias, modos de vida, culturas, bem como o desenvolvimento de habilidades importantes para a vida em sociedade, como a leitura crítica e a interpretação de diferentes pontos de vista.

Objetivo:

Estimular a reflexão crítica sobre o tema da violência política no Brasil, utilizando o contexto histórico de Sergipe durante a Ditadura Militar como estudo de caso. Aprofundar a pesquisa e a compreensão sobre o assunto através de fontes como jornais e sites.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Sergipe entre as opressões e a censura:

- ✓ As notícias dos jornais contam a história:
 - **Analise os documentos disponibilizados na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**
 - Qual o impacto da ditadura militar no Brasil?
 - Quem governou Sergipe entre os 1964 e 1985?
 - Pesquise se Sergipe teve governador deposto pelo militares e explique o motivo do que aconteceu com ele e quem o sucedeu.
 - Você ou sua família conhece alguma família em Sergipe que sofreu perseguição pelos militares nos anos de chumbo?
 - Na história da ditadura em Sergipe, Milton Coelho exerce importante papel. Explique essa afirmativa.
 - Cite casos de violência física, tortura exercida por agentes da Ditadura Civil Militar em Sergipe.
 - Qual o papel da censura na repressão política durante a Ditadura Civil Militar em Sergipe?
 - Qual a importância de preservar a memória das vítimas da violência política em Sergipe?
 - Que tipo de fontes históricas podem ser utilizadas para estudar a violência política em Sergipe durante a Ditadura Civil Militar?
 - Explique o que foi a Operação Cajueiro no contexto da violência política em Sergipe?
 - Qual a importância de discutir a violência política ocorrida na Ditadura Civil Militar no Brasil contemporâneo?
 - Cite duas músicas contextualizadas na Ditadura Civil Militar

- Cite dois filmes contextualizados na Ditadura Civil Militar

Atividade extraclasse:

Pesquise a história do seu município entre 1964-1985, quem foram os prefeitos, se existiu algum caso conhecido de opressão dos militares nesse período na região.

Avaliação:

Assistir a um filme sobre a ditadura militar (a escolha do professor) e responder um roteiro de perguntas (desenvolvido pelo professor).

Questão 4

Documento 1- jornal



Título: A Emancipação científica da mulher

Tipo: Jornal

Origem: Revista Literária do Gabinete de Leitura de Maruim. Edição 26-27. 1890. Maruim.
Disponível em: [Criar link](#): Acesso em 20 mai 2021.

Documento 2 – texto acadêmico

Em 1852 surge no Rio de Janeiro aquele que se tornara conhecido como fundador do periodismo feminino – o *Jornal das Senhoras*, de Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875), que vai circular até 1855. Afolha – que logo foi transferida para Violante Atabalipa Bivar e Velasco (1816-1874) – teve a seu favor o fato de circular na corte e tratar de questões relacionadas à mulher. Com o objetivo de “propagar a ilustração” e cooperar “para o melhoramento social e a emancipação moral da mulher”, trazia a bandeira que muitos dos periódicos que se seguem também vão ostentar: a reivindicação por uma instrução mais consistente para as meninas. Ao lado de notas sociais e comentários sobre moda e receitas são estampados artigos chamando por melhores condições de vida. O leitor pretendido era a mulher, naturalmente, mas buscava-se o homem como forma de convencê-lo a aceitar (e a apoiar) o novo quadro que se desenhava para as jovens.

Título: Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: Dicionário ilustrado.

Tipo: Texto acadêmico

Origem: Duarte, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Crédito: Constância Lima Duarte

Sobre a participação feminina na imprensa do século XIX

- a) A participação das mulheres na imprensa do século XIX foi quase inexistente, e as poucas que se aventuraram no meio jornalístico limitaram-se a escrever sobre temas domésticos, sem influenciar debates sociais ou políticos.
- b) A atuação das mulheres na imprensa do século XIX representou uma forma de resistência às estruturas de poder vigentes, ao questionarem o papel tradicional que lhes era imposto e ao utilizarem a palavra escrita para construir um novo imaginário sobre a mulher na sociedade brasileira. Em Sergipe, apesar das dificuldades enfrentadas, Anna de Oliveira desempenhou esse papel.
- c) No século XIX, várias mulheres começaram a se destacar na imprensa, escrevendo

sobre temas como educação e direitos civis, apesar de enfrentarem preconceitos por atuarem em um espaço dominado por homens.

d) A presença feminina na imprensa do século XIX foi marcada pela luta por maior visibilidade e pela tentativa de influenciar a opinião pública. Autoras como Nísia Floresta e a sergipana Anna de Oliveira usaram o jornal como ferramenta de defesa dos direitos das mulheres, mesmo diante da forte resistência patriarcal.

Comentário da questão

A questão relativa à participação feminina na imprensa do século XIX provoca um debate de extrema pertinência para a compreensão da história das mulheres no Brasil e em Sergipe. Esse tema pode ser trabalhado nas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental e da segunda série do Ensino Médio junto aos objetos de conhecimento referentes à história do Brasil Império ou em disciplina eletiva ou de aprofundamento da parte diversificada do currículo, para discutir a temática da participação feminina na sociedade, a luta das mulheres por educação e por maior visibilidade e direitos civis, mesmo diante da forte resistência patriarcal.

É uma questão possível de ser replicada em sala de aula explorando os documentos históricos listados, a exemplo do jornal enquanto fonte histórica. Aprender a analisar esse tipo de fonte, a realizar pesquisas nas bases de dados da Biblioteca Nacional e em arquivos são procedimentos importantes para a interpretação histórica dos documentos, além do próprio tema.

Assim, a proposta contribui para a aprendizagem de professores e estudantes e é relevante por variados motivos, um deles por não constar nos livros didáticos e no currículo a presença dessas mulheres reivindicando direitos através da imprensa. Segundo, porque põe em evidência o protagonismo dessas mulheres que no século XIX tinham a definição do papel social restrita ao lar, submissa ao marido e desempenhando a função de mãe dedicada no cuidado de seus filhos em uma época em que o modelo familiar era ditado pela burguesia que valorizava a esfera privada.

A presença pública servia para conceder prestígio social ao marido. Foi a presença nossa e a necessidade de acompanhar o marido para os eventos públicos que induziu essas mulheres ao despertar para a escrita que, inicialmente, se deu nos periódicos. Muitos

desses jornais reproduziam os padrões de mulher da sociedade vigente e outros eram feministas, com críticas aos modelos e reivindicações por participação da mulher na esfera educacional e depois na política.

Sendo assim, a atuação das mulheres na imprensa do século XIX representou uma forma de resistência às estruturas de poder vigentes, ao questionarem o papel tradicional que lhes era imposto e ao utilizarem a palavra escrita para construir um novo imaginário sobre a mulher na sociedade brasileira. Em Sergipe, apesar das dificuldades enfrentadas, Anna de Oliveira desempenhou esse papel.

Profa. Maria José Lima Santos
Centro de Excelência Governador Djalma Tavares Queiroz
Profa. Josevânia Souza de Jesus Fonseca
Centro de Excelência John Kennedy

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 04, no documento disponibilizado, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

Objetivo:

Estimular a reflexão crítica sobre a participação feminina na imprensa sergipana do século XIX, já que as revistas literárias do século XIX são fontes e ferramentas importantes para aprofundar a pesquisa e a compreensão da sociedade daquela época.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Sergipe entre as linhas de uma revista literária:

- ✓ Mulheres sergipanas com pena e tinteiro:
 - **Análise o documento disponibilizado na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Por quais motivos a atuação das mulheres na imprensa do século XIX pode ser considerada uma forma de resistência?
- Quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que atuavam na imprensa no século XIX?
- Relacione os conflitos e as demandas do século XIX com os desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea, como a luta contra o machismo e a violência de gênero.
- Como a presença feminina na imprensa do século XIX desafiou o papel tradicional imposto às mulheres na sociedade?
- Qual a relevância de estudar a participação feminina na imprensa do século XIX para a compreensão da história das mulheres no Brasil?
- Qual o principal objetivo do "Jornal das Senhoras", fundado por Joana Paula Manso de Noronha em 1852?
- Que tipo de temas eram abordados no "Jornal das Senhoras" e qual era o público-alvo da publicação?
- Cite o nome das mulheres que escreviam na revista sergipana.

Atividade extraclasse:

Converse com as mulheres de sua família e pesquise se alguma delas gosta de escrever. Comente a experiência na sala de aula.

Avaliação:

Com a sala dividida em quatro equipes, cada uma vai criar uma revista literária.

Questão 5**Documento 1– texto acadêmico**

Conta-nos o português José Pinto de Carvalho, morador de Maruim, em suas memórias em 1864, que o brigadeiro Carlos Burlamaqui, ao chegar a Sergipe, já sabia

que a Constituição havia sido proclamada na Bahia, ao contrário da sua tão divulgada alegação de desconhecimento desse evento, e ter sido esse o motivo de sua pressa para assumir o cargo de governador. Sua posse contou com a presença dos comandantes dos vários corpos que compunham a força militar da capitania, que foram convencidos da urgência desta medida, ato que aconteceu com toda a formalidade, em 20 de fevereiro de 1821. Terminada a cerimônia, o novo governador iniciava sua estratégia para combater a força das ideias constitucionais na capitania, pois fez publicar, “a toque de corneta”, em todas as ruas de São Cristóvão, uma ordem determinando a proibição de falar em constituição, o que seria tratado como um crime, passível de processo e prisão. José Pinto de Carvalho descreveu que a divulgação dessa medida na vila provocou pânico nas pessoas que passaram a falar na “palavra proibida” apenas “secretamente”.

Adaptado de Antônio, Edna Maria M. (2011), *Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho* In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, v.1, n.3, 1914.

Título: Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho

Tipo: Artigo de periódico

Origem: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, v.1, n.3, 1914.

Palavras-chave: José Pinto de Carvalho, Constituição, Carlos Burlamaqui, Sergipe, ideias constitucionais

Crédito: Edna Maria Matos Antônio

Documento 2 – texto acadêmico

Em 1823, uma Junta provisória governava Sergipe e trataram de documentar e obter os papéis oficiais que asseguravam a condição de província autônoma e demais decisões administrativas. Por isso, Vicente José Mascarenhas, procurador da província de Sergipe na Corte no Rio de Janeiro, solicitou em junho de 1823 certidão ao governo, “alegando não ter aquela província os títulos originais da sua categoria e independência, pede que se lhe seja passado segundas vias do decreto de 8 de julho [de 1820] e da carta imperial de 5 de dezembro de 1822 e de outro qualquer diploma relativo aquele objeto para a todo o tempo constar naquela província”.

Requerimento de Vicente José Mascarenhas. 29/06/1823.
Biblioteca Nacional. Coleção Sergipe. 33-14, 36.

Título: Requerimento de Vicente José Mascarenhas solicitando certidões para assegurar a condição de província autônoma de Sergipe

Tipo: Documento oficial

Origem: Biblioteca Nacional, Coleção Sergipe, 33-14, 36. Requerimento de Vicente José Mascarenhas, 29 de junho de 1823.

Palavras-chave: Vicente José Mascarenhas, autonomia de Sergipe, província, certidões, documentação, 1823

Crédito: Biblioteca Nacional

Sobre as tensões políticas e administração de Sergipe no início do século XIX

- a) A repressão às ideias constitucionais em 1821, seguida pelo esforço de Vicente José Mascarenhas em 1823 para assegurar os documentos oficiais de autonomia, evidencia a preocupação da elite local com a consolidação da política de Sergipe como província, em meio às pressões externas e internas por reconhecimento.
- b) A imposição de ordens repressivas, como a proibição de discutir a Constituição, resultou em completa submissão da população sergipana ao governo de Carlos Burlamaqui, sem qualquer resistência ou questionamento.
- c) O cenário político descrito nos textos reflete como o controle sobre os discursos constitucionais e a busca pela documentação oficial de autonomia eram partes de uma mesma estratégia da elite sergipana para garantir a sua posição de poder, mesmo diante das tentativas de repressão e centralização vindas da coroa e de outras províncias.
- d) A chegada do governador Carlos Burlamaqui e sua tentativa de conter as ideias constitucionais mostram o conflito entre as correntes absolutistas e liberais em Sergipe, refletindo o embate presente em várias regiões do Brasil no processo de transição do colonialismo para a autonomia provincial.

Comentário da questão

O contexto político em Sergipe no início do século XIX era marcado por uma luta entre a repressão das ideias liberais e o desejo local de autonomia. De um lado,

temos o governador Carlos Burlamaqui, que tenta impedir a disseminação das ideias constitucionais ao proibir qualquer menção à constituição, uma medida claramente destinada a conter o avanço de ideias que ameaçavam seu controle.

Essa ação repressiva causou um clima de medo entre a população, que passou a discutir secretamente, ao se tornarem "palavras proibidas". Fato atestado na ocorrência de pânico da população de São Cristóvão, que passou a falar sobre o assunto "secretamente", o que expõe a tensão e o recebimento que a repressão gerou.

Por outro lado, figuras locais como Vicente José Mascarenhas estavam engajadas em formalizar a condição autônoma de Sergipe. Ao solicitar ao governo imperial os documentos que comprovassem a autonomia da província, ele não apenas buscava legitimar o *status* de Sergipe, mas também, protegia os interesses locais contra uma possível intervenção de outras províncias ou do governo central.

Esses documentos mostram, portanto, que enquanto o governo tentava sufocar os ideais de liberdade, a elite sergipana segue uma estratégia para garantir sua posição e a autonomia da região. Essa combinação de resistência e busca por legitimidade ajudou Sergipe a fortalecer sua identidade política e a lutar por mais autonomia no cenário nacional, mesmo em um contexto de centralização.

Assunto e pertinência:

O texto aborda as propostas políticas em Sergipe no início do século XIX, quando as ideias constitucionais entraram em choque com a autoridade local. Esse cenário mostra a repressão do governador Carlos Burlamaqui às ideias liberais e a resposta da elite sergipana em busca de autonomia e reconhecimento formal.

Possibilidades de trabalho em sala de aula:

Esse tema pode ser explorado em sala para celebrar o Dia da Sergipanidade, organizando uma simulação em sala acerca da chegada da carta de autonomia provincial, assinada em 8 de julho, mas recebida apenas em 24 de outubro. Nesse contexto, o professor, de modo sugestivo, pode dividir os alunos em grupos representando as autoridades e os cidadãos de Sergipe. Cada grupo vai discutir o significado da autonomia para a província, enquanto alguns discentes representam interesses contrários à independência. Essa atividade reforça a conexão histórica e o orgulho local.

Contribuições para a aprendizagem:

Estudar esses episódios auxilia na compreensão dos conflitos políticos e sociais do Brasil Imperial. Ao entender as respostas contra a centralização do poder as ações da elite local, os educandos podem contextualizar a formação da identidade política local e nacional.

Profa.ElaineSantosAndrade
Centro de Educação Profissional Governador Seixas Dóres

Possibilidades de Trabalho com a Questão

Com base na questão 05, no documento disponibilizado, da fase 03 da 1ª OEHSE e no comentário do professor, vamos desenvolver algumas possibilidades de atividades.

O uso de fontes como documentos oficiais e artigos de periódicos do século XIX estimulam a reflexão crítica sobre o tema das tensões políticas e da administração de Sergipe no início do século XIX, podendo-se, ainda, utilizar os documentos e o comentário da questão como base para a discussão. Essas fontes documentais são ferramentas importantes para aprofundar a pesquisa e a compreensão acerca de Sergipe no século XIX.

Objetivo:

Compreender como os conflitos do passado moldaram as estruturas de poder e as relações sociais no Brasil, tanto em nível local quanto nacional.

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

As tensões históricas nos documentos oficiais:

- ✓ A história no pó do arquivo:
 - **Analise os documentos disponibilizados na questão, faça pesquisas, reflita e responda os itens abaixo:**

- Qual a principal informação contida nas memórias de José Pinto de Carvalho sobre a chegada do brigadeiro Carlos Burlamaqui a Sergipe?
- Por que a divulgação da proibição de falar em constituição causou pânico na população de São Cristóvão?
- Qual a relação entre a repressão às ideias constitucionais e a busca por autonomia de Sergipe?
- Qual o objetivo do requerimento de Vicente José Mascarenhas ao governo em 1823?
- Que tipo de documentos Vicente José Mascarenhas solicitou ao governo e por quê?
- Qual a importância da documentação oficial para a autonomia de uma província?
- Como a atuação de Carlos Burlamaqui e Vicente José Mascarenhas reflete as tensões políticas do início do século XIX em Sergipe?
- Qual a relação entre o contexto político de Sergipe e o processo de transição do colonialismo para a autonomia provincial no Brasil?
- Como os conflitos políticos e sociais do Brasil Imperial contribuíram para a formação da identidade política local e nacional?
- Qual a importância de estudar os episódios abordados nos textos para a compreensão da história de Sergipe e do Brasil?
- Qual a relevância de conhecer a história da luta pela autonomia de Sergipe para a celebração do Dia da Sergipanidade.

Atividade extraclasse:

Uma visita a um arquivo público.

Avaliação:

Observação da realização das atividades propostas.

Referências

- A Emancipação Científica da Mulher. Revista Literária do Gabinete de Leitura de Maruim, Maruim, n. 26-27, 1890. Disponível no acervo da Biblioteca Estadual Epifânio Dórea. Acesso em: 20 maio 2021.
- ACERVO OEHSE. Arthur Bispo do Rosário [fotografia]. Praça do município de Japaratuba-SE: OEHSE, [s.d.].
- AMADO, G. *Um menino sergipano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ARAÚJO, Adriano Morais. *Baixo São Francisco: navegação, pesca e seus (des)dobramentos*. 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17175>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- ARAÚJO, Adriano Morais. *Canoa de tolda sergipana* [fotografia]. Dez. 2018. Acervo pessoal do autor.
- ARAÚJO, Adriano Morais. *Mestre Cornélio* [fotografia]. Dez. 2018. Acervo pessoal do autor.
- AUGUSTO, Jenner. *Os primeiros habitantes de Sergipe* [mural]. 1961. Aracaju, SE: Energisa, Rua Ministro Apolônio, 81, Inácio Barbosa.
- BIBLIOTECA Nacional. Coleção Sergipe, 33-14, 36. Requerimento de Vicente José Mascarenhas, 29 de junho de 1823.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificando o currículo oficial da Rede de Ensino para incluir a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 140, n. 7, p. 1, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 145, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- COSTA, Pedro. *Éramos Palace* [documentário]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=link_do_video. Publicado em: 29 mar. 2019. Acesso em: 20 set. 2024.
- DANTAS, Jennifer Daiane Marques Melo Dantas. *Percepção dos moradores da cidade de São Cristóvão/SE sobre a elevação da Praça São Francisco a patrimônio cultural da humanidade*. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014. p. 49-51. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7434>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- DANTAS, José Ibarê Costa. *O Tenentismo em Sergipe: da Revolta de 1924 à Revolução de 1930*. 3. ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. p. 101.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – Dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EDNA Maria M. Apontamentos sobre alguns atos da vida pública do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, v. 1, n. 3, 1914.

FONTINELE, Luiz. *Sergipe, o meu lugar*. Intérprete: Luiz Fontinele. In: *Coletânea de Forró*. [S.l.]: [s.n.], 2021. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/luiz-fontineli/sergipe-o-meu-lugar/>. Acesso em: 20 maio 2024.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; VILAR, José Wellington Carvalho. Produção imobiliária, expansão urbana e conflitos socioambientais na região metropolitana de Aracaju. [S.l.], p. 32. Disponível em: file:///C:/Users/Desktop/Downloads/Aracaju_OM_Eleicoes_2024.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

FUNAI. *Assinatura do contrato de compra e venda com força de Escritura Pública da Reserva Indígena Fulkaxó* [fotografia]. Foto: Divulgação/Funai. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-acquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>. Acesso em: 30 set. 2024.

FUNAI. *Funai acquire imóvel em Sergipe para a constituição de reserva indígena do povo Fulkaxó*. Brasília, DF: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 11 jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-acquire-imovel-em-sergipe-para-a-constituicao-de-reserva-indigena-do-povo-fulkaxo>. Acesso em: 30 set. 2024.

G1 SERGIPE. *Largo da Gente Sergipana* [fotografia]. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/especial-publicitario/banese/sergipanize/noticia/2020/08/21/campanha-sergipanize-se-e-inspirada-em-manif>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GELEDÉS Instituto da Mulher Negra. *Conheça Beatriz Nascimento, intelectual negra que inspira cientistas*. 13 ago. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-beatriz-nascimento-intelectual-negra-que-inspira-cientistas/>. Acesso em: 10 out. 2024.

IPHAN. *Praça São Francisco* [fotografia]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/43>. Acesso em: 21 abr. 2024.

JORNAL da Cidade. Ano VIII, ed. 1950. 21 mar. 1979. Disponível em: *Jornal da Cidade 1979 Mar 21 (1).pdf*. Acesso em: 20 set. 2024.

JORNAL O Dia Alagoas. CRUZ, José Vieira da. *Brasil, democracia e violência política*. Disponível em: *Brasil, democracia e violência política (1).pdf*. Acesso em: 13 out. 2024.

KARVAN, Nino. *Mangaba madura*. Intérprete: Nino Karvan. In: *Mangaba Madura*. [S.l.]: [s.n.], 2001. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://youtu.be/EmPa8peZ7Cw?si=LXe2XbGqUFLzCwyb>. Acesso em: 13 maio 2024. LAMPARINA (Prod.). *Povos originários* [vídeo]. Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, 2023. 1 vídeo (3 min), color. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1rTelbn_PY0XILEYgEiJxp-IJKC40v8i/view?usp=gmail. Acesso em: 29 maio 2025.

MANGUEIRA, Igor. *Sergipe não cabe em si*. Intérpretes: Igor Mangueira e Nino Karvan. In: *Uma Odisseia no Meu Espaço*. [S.l.]: [s.n.], 2010. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/igor-mangueira/1127788/>. Acesso em: 20 maio 2024.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. SE – *Catadoras de mangaba lutam pela demarcação de reservas*

extrativistas. Rio de Janeiro: Fiocruz. Disponível em:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/se-catadoras-de-mangaba-lutam-pela-demarcacao-de-reservas-extrativistas/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *A caserna em polvorosa: a revolta de 1924 em Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 13.

O GLOBO. *Defesas costeiras dos revoltosos* [fotografia]. In: Blog Educação, História e Política. Disponível em: <https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2024/07/a-revolta-de-13-de-julho-os-seus.html?m=1>. Acesso em: 7 set. 2024.

OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. *Ponteiros da memória: educação patrimonial no ensino de história em Sergipe*. 2020. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14453>. Acesso em: 30 set. 2024. p. 145-146.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA (SEDUC/SE). *Currículo de Sergipe: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Aracaju: SEDUC/SE, 2023. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/download/curriculo-de-sergipe/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA (SEDUC/SE). *Currículo de Sergipe: Ensino Médio*. Aracaju: SEDUC/SE, 2023.

Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/download/curriculo-de-sergipe-ensino-medio/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SERGIPANO, José Augusto. *Aquarela de Sergipe*. Intérprete: José Augusto Sergipano. In: *Aliança Devolvida*. [S.l.]: [s.n.], 1978. 1 faixa sonora. Disponível em:

<https://www.letras.mus.br/jose-augusto-sergipano/album:82943:12/#album:alianca-devolvida-1978>. Acesso em: 20 maio 2024.

SOUSA, Leunira Batista Santos. *Nossa Senhora da Glória: a progressiva cidade do sertão sergipano*. *Revista AGL / Academia Gloriense de Letras*, vol. 4, n. 4, 2023.

Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras. Disponível em:

<https://www.academiagloriensedeletras.org/revista-da-agl/>. Acesso em: 10 out. 2024.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a Odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021.